

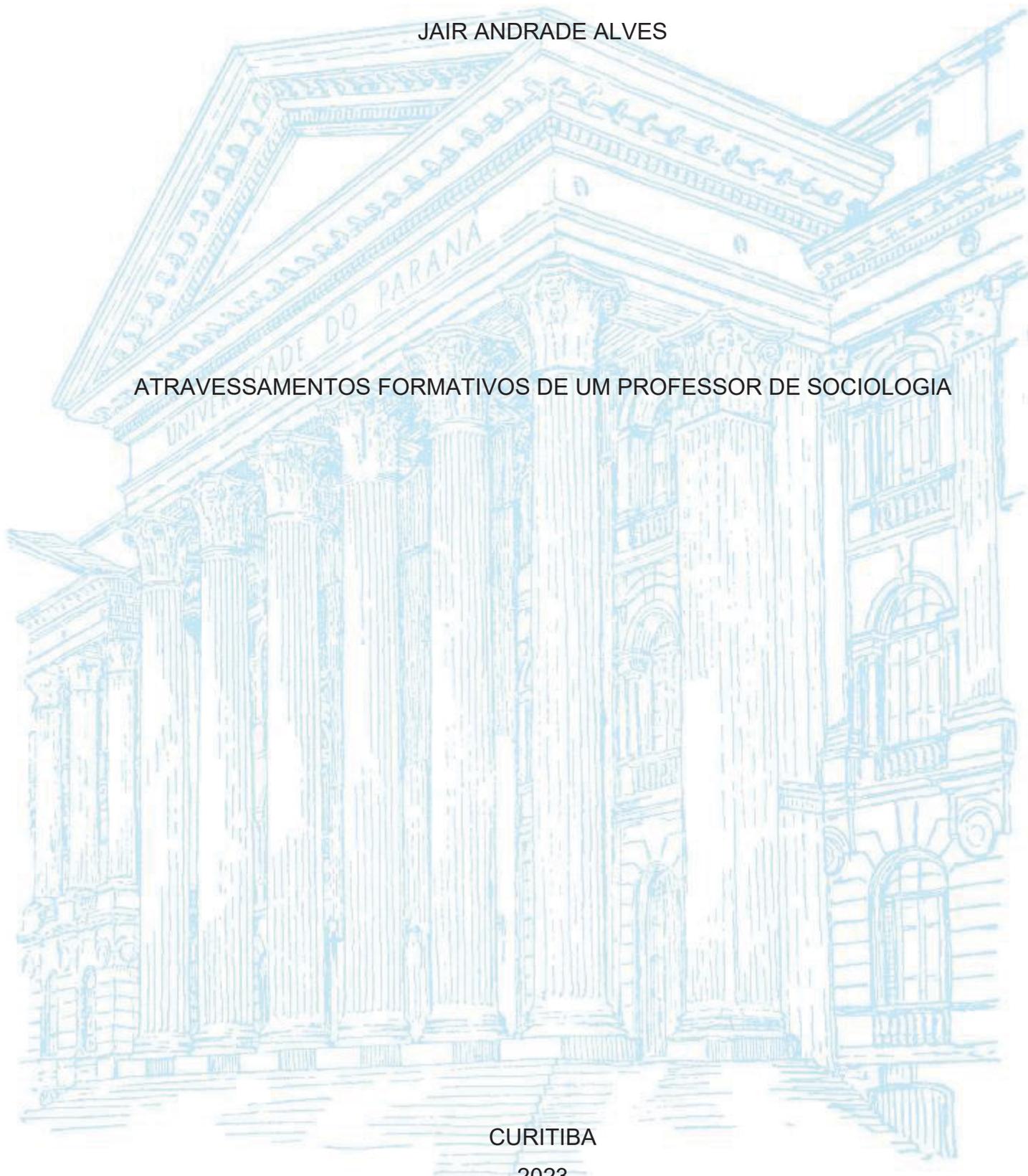
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JAIR ANDRADE ALVES

ATRAVESSAMENTOS FORMATIVOS DE UM PROFESSOR DE SOCIOLOGIA

CURITIBA

2023



JAIR ANDRADE ALVES

ATRAVESSAMENTOS FORMATIVOS DE UM PROFESSOR DE SOCIOLOGIA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Alves, Jair Andrade.

Atravessamentos formativos de um professor de sociologia / Jair  
Andrade Alves – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kátia Maria Kasper

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Sociologia – Estudo e ensino. 3.  
Professores de sociologia – Formação. 4. Professores e alunos. 5.  
Educação – Aspectos sociais. I. Kasper, Kátia Maria. I. Universidade  
Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.  
Título.

## TERMO DE APROVAÇÃO<sup>1</sup>

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **JAIR ANDRADE ALVES** intitulada: **Atravessamentos formativos de um professor de sociologia.**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 06 de Dezembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

07/12/2023 12:24:12.0

KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/12/2023 19:02:02.0

CAUE KRUGER

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

11/12/2023 13:41:00.0

MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

---

<sup>1</sup> Para autenticar este documento/assinatura, acesse: <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 332348

## AGRADECIMENTOS

À Kátia Maria Kasper pelas (des)orientações que me provocaram e me convocaram para viver intensamente esta pesquisa. A sua presença (de corpo todo) em falas, silêncios, olhares, performances inspiraram-me.

Ao grupo de orientação *SemNomeAinda* pelos compartilhamentos, acolhimentos e parcerias. Alianças que se formaram.

Aos professores da banca examinadora Cauê Krüger e Maurício Fagundes pela sensibilidade, disponibilidade, leitura e contribuições na pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino (PPGETPEN) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) por proporcionar uma pós-graduação *stricto sensu* de excelência.

Agradeço aos estudantes e aos profissionais das escolas por comporem, junto, estratégias de vida. Fizemos e fazemos poesia juntos.

Agradeço aos amigos e amigas por me incentivarem e serem a rede de apoio que são.

Agradeço aos familiares por apoiarem e entenderem os momentos que estive ausente para me dedicar na pesquisa.

Em especial, agradeço à companheira de minha vida, Letícia Lourenço da Costa, e ao meu filho, Theodoro Lourenço Andrade que são intensidades que me atravessam. Tenho aprendido muito com vocês. Estamos criando juntos um modo de existência que salva os nossos dias.

*Há aqueles que de tanto ouvir sabem falar,  
e há aqueles que de tanto tentar sabem fazer.*

*(Fernand Deligny)*

## RESUMO

Esta pesquisa envolve marcas de experiências deste professor de sociologia, vividas na escola e em outros espaços. Elas me convocaram a pensar alguns movimentos minoritários que vazam do currículo institucionalizado. Corpos que resistem no cotidiano, criando efeitos micropolíticos. Ao mesmo tempo que inventam outros modos de estar no mundo, traçam táticas de resistência. Assim, cartografa-se o traçado de linhas de vida e de formação docente, potencializadas pelas afetações e pelos contágios ocorridos nos encontros com estudantes e também com autores e autoras, aliados da pesquisa. Com esses movimentos, aprende-se e criam-se outras formas de ocupar a escola, a educação, a docência, a sociologia, o mundo. Aprende-se a criar atenção, disponibilidade e abertura aos encontros. Vida pulsando em mundos que se encontram e se desmancham, enquanto outros surgem. Em processos de desterritorialização, busca-se desautomatizar os modos de vida, escapando aos modelos do capitalismo e da pedagogia dominante. Percursos formativos que marcaram e inventaram este professor, que pesquisa, leciona e procura aprender com estudantes em situações diversas. Entre elas, as ocupações das escolas em 2016. Circunstâncias pensadas aqui como ocasião de formações potentes, transformadoras das experiências na escola. Formações singulares e singularizantes. A cartografia como inspiração metodológica produz abertura, sensibilidade e uma postura ético-política para mapear os efeitos de acontecimentos que me atravessam e marcam a minha trajetória. E convidam a pensar diferentemente os processos de formação docente, afastando-se de abordagens prescritivas e normativas. Cartografia que se constrói aliada também a autoras e autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jorge Larrosa, Kátia Kasper, Tomaz Tadeu da Silva, Sílvio Gallo, Tim Ingold – especialmente em suas contribuições para análises acerca da potência do corpo, da presença e atenção, dos encontros, das educações menores, nos atravessamentos. E Suely Rolnik, entre outros, para construir uma pesquisa de inspiração cartográfica.

Palavras-chave: ocupações secundaristas; diferença; cartografia; professor de sociologia; (trans)formação docente.

## ABSTRACT

This research involves the experiences of this sociology teacher, lived at school and in other spaces. They convened me to think about some minority movements that leak out of the institutionalized curriculum. Bodies that resist in everyday life, creating micropolitics effects. At the same time as they invent other ways of being in the world, they outline resistance tactics. Therefore, the outline of lines of life and teacher training is mapped, enhanced by the affects and contagions that occur in meetings with students and also with authors, allies of the research. With these movements, other ways of occupying school, education, teaching, sociology, and the world are created. You learn to create attention, availability and openness to encounters. Life pulsing in worlds that meet and fall apart, while others emerge. In processes of deterritorialization, the aim is to deautomatize ways of life, escaping the models of capitalism and dominant pedagogy. Training paths that marked and invented this teacher, who researches, teaches and seeks to learn from students in different situations. Among them, the occupations of schools in 2016. Circumstances considered here as an opportunity for powerful training, transforming experiences at school. Singular and singularizing formations. Cartography as a methodological inspiration produces openness, sensitivity and an ethical-political stance to map the effects of events that cross me and mark my trajectory. And they invite us to think differently about teacher training processes, moving away from prescriptive and normative approaches. Cartography that is also constructed in conjunction with authors such as Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jorge Larrosa, Kátia Kasper, Tomaz Tadeu da Silva, Sílvio Gallo, Tim Ingold – especially in their contributions to analyzes about the power of the body, presence and attention, of meetings, of minor education, at crossings. And Suely Rolnik, among others, to build cartographic-inspired research.

Keywords: secondary occupations; difference; cartography; sociology professor; teacher (trans)formation.

## SUMÁRIO

<b>CARTA AO(A) LEITOR(A)</b> .....	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CARTOGRAFIA</b> .....	<b>14</b>
CORPO-PESQUISADOR.....	14
PROCEDIMENTO: DIÁRIO DE BORDO.....	22
PROCEDIMENTO: ESCRITA COM AS OCUPAÇÕES.....	23
<b>ATRAVESSAMENTOS FORMATIVOS</b> .....	<b>28</b>
<b>OCUPAÇÃO</b> .....	<b>30</b>
ESCRITAS COM CARTAS.....	35
INSIGNIFICÂNCIA – CARTA .....	37
<b>OUTRAS INTENSIDADES</b> .....	<b>59</b>
O QUE VAZA, ESCAPA DO CURRÍCULO INSTITUCIONAL .....	62
EDUCAÇÃO MAIOR E EDUCAÇÃO MENOR .....	69
ESCUTAR (LER) MUNDOS: TRANS – FOR - MAR - SE .....	77
EDUCAÇÃO COMO ATENÇÃO, INQUIETAÇÃO, EXPERIÊNCIA .....	79
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>86</b>

**CARTA AO(A) LEITOR(A)**

*Saudações.*

*Venho por meio desta deixar algumas pistas, situar e aguçar seus sentidos. Espero que devore esta cartografia. E devorando-a, lhe cause algum mal-estar.*

\*\*\*

*Cartografei*

*minha mente, minhas memórias, meus sentidos*

*Meu corpo virou território*

*Mapa a ser explorado*

*Linhas para serem seguidas*

*Outros territórios surgem*

*Linhas se encontram. Se cruzam*

*Entram uma na outra*

*Uma pesquisa cartográfica*

*Uma ética e uma política*

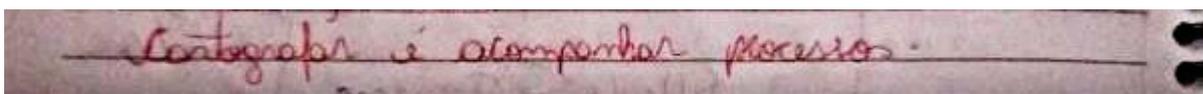
*Pois ela é uma afirmação da vida*

\*\*\*

## INTRODUÇÃO

Enquanto força, de corpo todo me lanço à pesquisa. Tomo a cartografia como método - ético e político - para ser praticado, viver o campo. Observar e absorver (in)visibilidades que pertencem ao meu cotidiano e à escola. Traçar um plano de consistência que revele micropolíticas do desejo. Seguir linhas que disparam intensidades, entradas, para pensar a formação docente deste professor de sociologia que vive em devires. Desta forma, me movem a “prescrutar” (Rolnik, 2016). Criar procedimentos. Mapear. “Agrimensar” (Deleuze; Guattari, 2011).

Em diversos momentos no grupo de orientação *SemNomeAinda*<sup>2</sup> somos interpelados por uma frase, dita por diversas bocas e registrada em meu diário de bordo.



Fonte: ALVES, 2022.

Os processos começam na produção do meu corpo-pesquisador, um corpo que seja sensível e aberto aos encontros com humanos e não humanos. Um corpo capaz de sentir, de pensar os processos de subjetividade que marcaram ou marcam este professor de sociologia, ocorridos na escola ou em outros espaços.

As linhas que tramam, caminham para uma pesquisa autobiográfica, “desde que entendamos por ‘auto’, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo que atravessam o seu corpo as forças de um determinado contexto histórico” (Rolnik, 2016, p. 22).

Dessa forma, para pensar o território e suas forças, foram elaborados alguns procedimentos, como: o uso do diário de bordo, a escrita acerca das vivências nas

---

<sup>2</sup> *SemNomeAinda* é o nome do nosso grupo de orientação, nossas reuniões acontecem quinzenalmente ou mensalmente e, até mesmo, já ocorreram semanalmente. Tudo varia conforme a densidade de coisas que temos que dar conta. Sempre estamos reunidas(os) em um bando - mestrandas(os) e doutorandas. Somos do múltiplo. Vivemos em encontros potentes, disparadores. Fazemos rizoma. Durante a pandemia estivemos em encontros virtuais, janelas que se abriam e revelavam um mundo de possibilidades. Também temos um grupo de *WhatsApp* para organização, informes e diversos tipos de trocas que sejam relevantes ao que nos propomos a pensar, criar, viver e, certamente, pesquisar.

ocupações de 2016, experimentações em torno de uma carta que recebo em 2017 e alguns registros de outras intensidades que passam pelo meu corpo.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (Rolnik, 2016, p. 23)

Nesta pesquisa, a escrita não comporta um plano cronológico. Ela segue em linhas de desejo que atravessam o meu corpo e compõem o texto desta dissertação de mestrado.

Início escrevendo sobre encontros que produziram intensidades durante a pesquisa, sendo que nesses movimentos criou-se um corpo-pesquisador sensível ao que acontece, buscando estar atento aos detalhes e, vivo, visando escapar das forças automatizantes da pedagogia dominante.

Um corpo inquieto que segue em mutações. Metamorfoses que se proliferam na experiência, no ato de afetar e ser afetado. Esse corpo se desmancha, acompanha processos, cria procedimentos, faz conexões. Com esse movimento os lugares já não são mais comuns; há uma desconfiança, tudo se torna questionável e matéria de pesquisa.

Em continuidade, abordo a cartografia. Tomo-a como inspiração para traçar planos de consistência, pois com ela não se vai a campo, mas vive-se o campo. Trata-se de pensar a construção deste professor de sociologia que resiste e busca escapar de uma política educacional capitalista. Que junto com os estudantes aprende e encontra outras possibilidades de habitar a escola e de viver a vida.

Portanto, percebo e trago a cartografia como uma ética e uma política em afirmação da vida. Como quando estive mapeando os modos de existências minoritárias, escrevendo sobre as ocupações de 2016, uma espécie de revolução molecular (Guattari, 1985) que aconteceu por conta da MP746/2016 disparada pelo presidente Michel Temer, a qual encontrou uma resposta dos estudantes - Ocupar as escolas. Fazer-se ouvir, resistir à proposta de alteração do ensino médio.

Ao fazer traçados sobre as ocupações, relato sobre a vivência que tive em uma das escolas ocupadas, sobre a movimentação dos estudantes, corpos que estavam em processos de criação, intensos-vibrantes, afetados uns pelos outros.

Nessa experiência fui sendo inspirado, atravessado, o desejo me movia para escola. Ali, foi uma possibilidade de aprender com os estudantes.

No ano seguinte, em 2017, recebo uma carta de uma estudante que esteve nas ocupações. Nesta pesquisa, tomo a carta como procedimento para realizar experimentações que vão ressoando em meu corpo, vou me transformando nela, com ela. Movimentos do desejo vão surgindo, vou criando outras possibilidades de vida na escola, na docência, nas aulas de sociologia.

Durante o processo de pesquisa, com a cartografia, foi se construindo um corpo atento, aberto e disponível. Conforme realizo procedimentos, sou levado a refletir acerca do currículo, da educação maior e da menor, e sobre experiências singulares. Pensando o que escapa do currículo institucionalizado, de uma educação maior e do controle sobre o corpo.

Traço, entre imagens e textos, vivências que tive na escola e em outros espaços, as quais me convocaram para pensar sobre os movimentos minoritários que vazam do currículo, corpos que resistem em pequenas revoluções no cotidiano e que podem ser capazes de criar efeitos na esfera das micropolíticas. Colocando em colapso ou não todo um sistema. Corpos que, experimentando, criando, inventando outros modos de estar no mundo, vão traçando táticas de resistência e desviando de uma pedagogia dominante e de uma política neoliberal.

Portanto, a linha que atravessa o texto da dissertação é o da minha trajetória enquanto professor de sociologia - potencializado e provocado pelos estudos desta pesquisa - torna-se permeável às afetações e aos contágios que acontecem nos encontros com os estudantes. Com esses movimentos, estou aprendendo e criando outras formas de escutar (ler) a escola, a educação, a sociologia, ..., o mundo. Por conta desses encontros, incluindo com autoras e autores estudados, sou desafiado a buscar mais conhecimentos para criar instabilidade e construir uma poética para as aulas de sociologia junto com os estudantes.

Seguindo atento aos instantes, vivendo o agora, estou em constante transformação.

## CARTOGRAFIA

### CORPO-PESQUISADOR

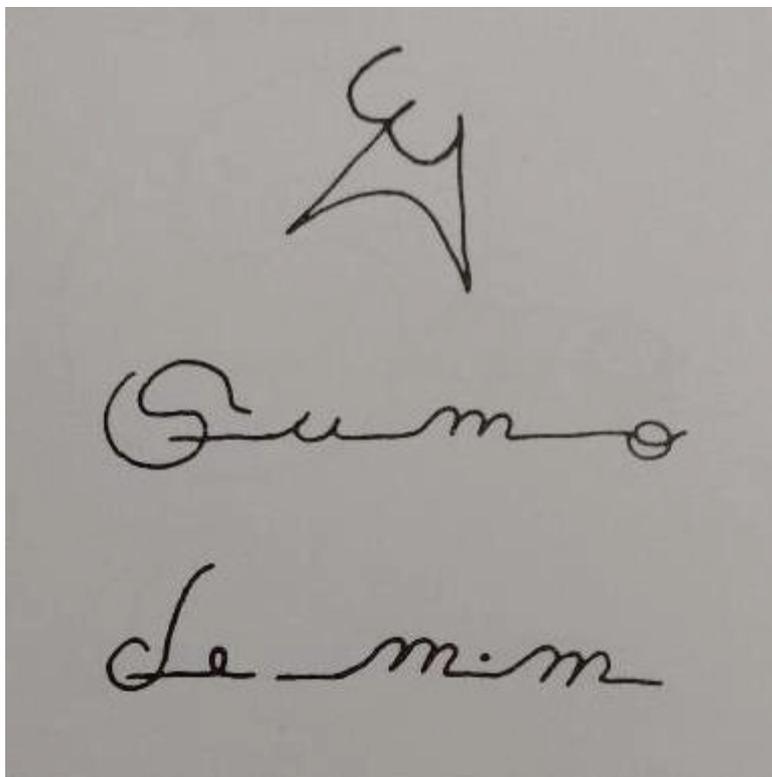
*Eu fico louco, eu fico fora de si  
Eu fica assim, eu fica fora de mim  
Eu fico um pouco, depois eu saio daqui  
Eu vai embora, eu fico fora de si  
Arnaldo Antunes*

Em *O abecedário de Gilles Deleuze*, gravado em 1988-1989, Deleuze diz: o desejo constrói, deseja em conjunto, deseja em um contexto, agencia. O desejo como multiplicidade.

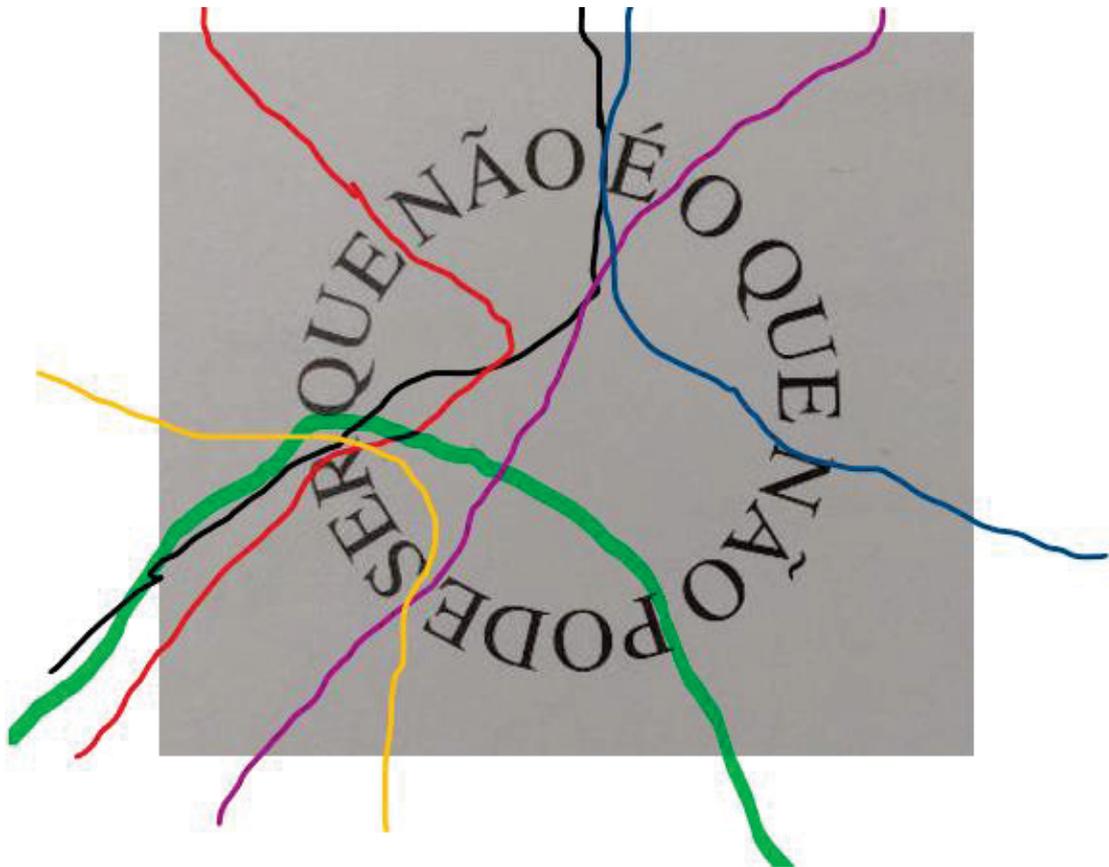
Movido pelo desejo, escrevo no caderno, bloco de notas, pedaço de papel, *post-it*, celular, computador.

Movido pelo desejo, leio, releio, traço - escrevo na margem, sublinho com lápis ou caneta; destaco textos.

Movido pelo desejo:



Fonte: ANTUNES, 2004.



Fonte: ANTUNES, 2004. Adaptado por ALVES, 2023.

## Movido pelo desejo cria-se um corpo-pesquisador, um corpo-cartógrafo.

Ano de 2021, pandemia, 16 de agosto, início do mestrado. Um querer entre colegas de trabalho, algo já de alguns anos, fazermos mestrado, uma vontade pessoal de muito tempo, compartilhada com poucos. De casa, na tela do computador, aulas mediadas por tecnologia e os encontros com o grupo de orientação *SemNomeAinda*. Momentos entre a perspectiva da pesquisa acadêmica fundamentada na tradição e outras formas de pesquisa que escapam do habitual. Mas que se afirmam nas frestas do Campus Rebouças. E agora, ambas, chegam a mim. Causando um mal-estar, uma perturbação. Um corpo que se abre e se desmancha. A mente não para. Pensar um projeto de pesquisa, entender a cartografia para habitá-la, me consome dias e noites. Leituras, anotações, citações. [...] e-mail

 **JAIR ANDRADE ALVES** <jair.alves@escola.pr.gov.br> 7 de out. de 2021, 22:48 ☆ ↶ ⋮  
para Kátia ▾

Boa noite!

Professora, surgiu uma ideia, bem por agora durante a aula do Ricardo. Então resolvi arriscar enviar para você. O que quero saber é se devo insistir nessa ideia que surgiu agora, ou devo abandonar e tentar outras coisas.

Desde já Grato! E desculpe o incômodo (se caso for).

Segue ideia em aberto:

**Tema: Dissidências para o corpo que já não trama. (estou pensando nos docentes)**

**Penso no drama dos corpos: mente/razão/disposição e movimento destes corpos que não se encontra fora do racionalismo moderno/contemporâneo.**

**E penso nos dispositivos marginais que podem tramar para esse corpo resgatar em si (memória do corpo, subversão daquilo que foi e está adormecido).**

**De tal forma, (hipótese) retomar em si e no todo novas frentes de ser/viver/sentir/agir.**

--

Atenciosamente,

 **Kátia Maria Kasper** <katiakasper@uol.com.br> 12 de out. de 2021, 16:07 ☆ ↶ ⋮  
para mim ▾

Olá Jair. Boa tarde.

Bom ver que está conectado, refletindo sobre sua pesquisa. Não é incômodo.

Então, vamos ver se entendi: o foco não seria mais os discentes, mas o corpo docente. Pode ser.

Vamos seguindo nisso:

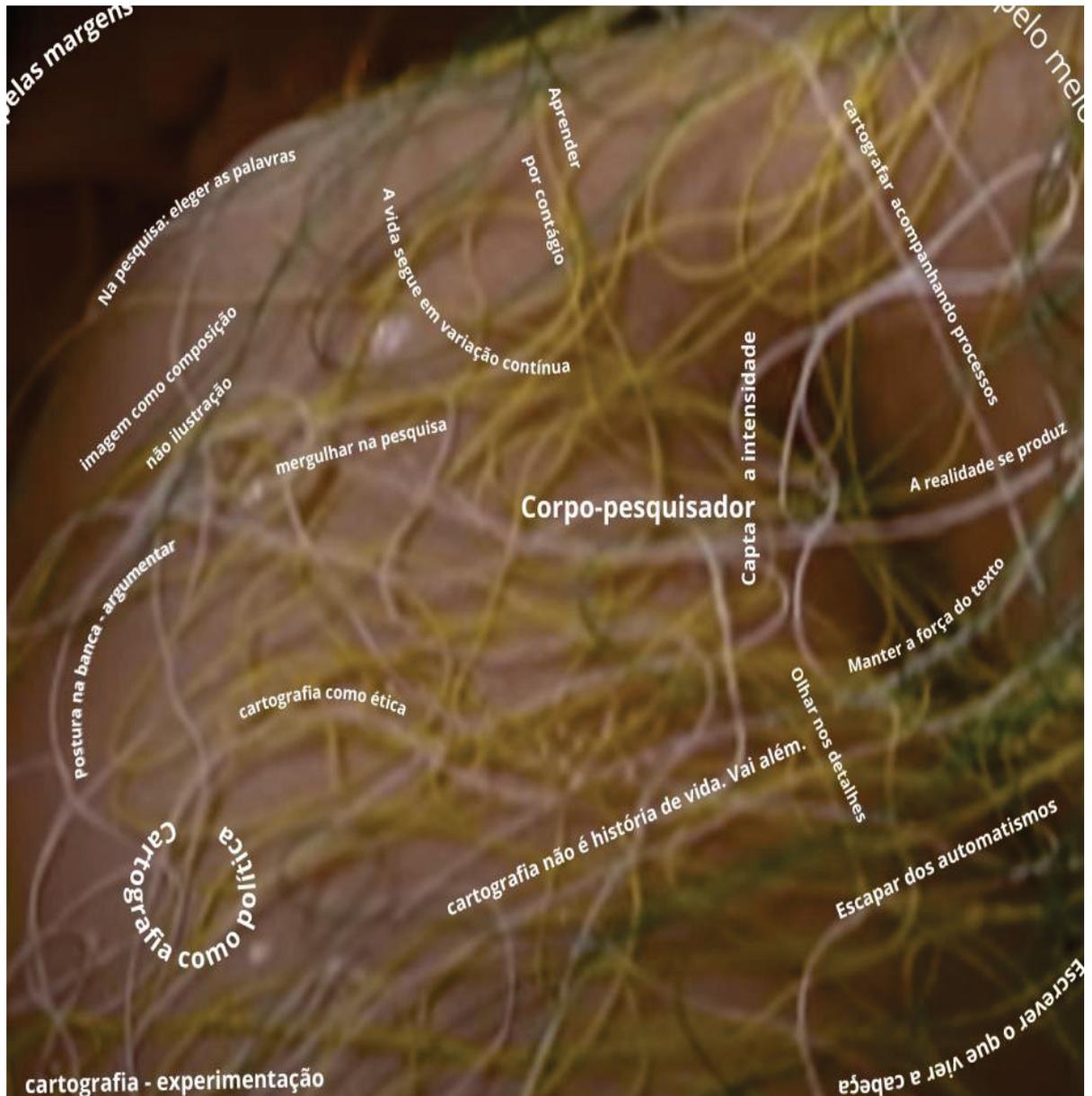
Vamos pensar que não se trata da crítica ao corpo docente que não trama, mas da problematização dessa questão e o foco seria mais na abertura de outros modos de construção desses corpos docentes, conectados à vida. Estou tentando sintetizar a ideia de trabalharmos mais com a potência da vida do que com o poder sobre a vida. Não seria talvez resgatar um passado ou uma potência perdida, mas ativar novas possibilidades. Acho que temos um caminho aí.

Mergulhar, entre os tempos do relógio, entre as rotinas de morte da vida moderna – MERGULHAR – na pesquisa, fazer cartografia. Experimentação de um corpo.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil platôs*, escrevem sobre *como criar para si um corpo sem órgãos*. Um corpo que acolhe os encontros, que vive as experiências. Capaz de afetar e ser afetado.

De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista ou seja dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele pré-exista – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. Não é tranquilizador, porque você pode falhar. [...] Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11-12).

Este pesquisador cria um conjunto de práticas que buscam ativar um corpo sem órgãos. Afetado pelo outro que se apresenta em forma de texto, em conversas, em ações, em aulas, em silêncios, em gestos, em bancas de qualificação e de defesa.



Fonte: ALVES, 2023.

<sup>3</sup> Legenda: imagem de fundo é um print do vídeo: Proposição "Baba Antropofágica" - Lygia Clark: uma retrospectiva. Disponível no Youtube. As frases são anotações feitas no diário de bordo a partir de vivências que tive no mestrado.

Movido pelo desejo, corto o asfalto, atravesso avenidas, corto cidades - de São José dos Pinhais – PR para Curitiba – PR e depois retorno. É a volta do mestrado no modo presencial.

**trabalho**

**trabalho**

**mestrado**

**trabalho**

**casa.**

### **Nas frestas sou vida**

A cidade é só passagem. Será?

Pergunta anotada no diário de bordo, e, logo abaixo da pergunta escrevi:

Em minha cabeça, dentro do carro, fica maquinando: produção sobre produção - reverberações dos textos lidos na ida; ressonâncias dos textos e problematizações das aulas do mestrado na volta. Nesse percurso, intensidade de um corpo que pensa na investigação, sempre me vem uma vontade de escrever. Sou povoado de muitos. Ainda no carro: ruas, sinaleiros, paradas, buracos, árvores, mato, arbusto, casas, becos, prédios, circulação de pessoas no trabalho - balas no retrovisor - outras pessoas em situação de rua. Sinal aberto. Velocidade, música alta. A noite caindo, faróis acesos, luzes tomam a escuridão. Obras na pista, desvio, algumas quadras, enfim na escola - estacionamento, bolsa, jaleco, biometria - bem na hora.

Sala dos professores – armário, estojo de giz, atividades que me esperam. Hora-atividade (correção/correria). Toca o sinal, no corredor formalidades: \_Boa noite!

Sala de aula - conversas, organização, chamada, retomada de conteúdo, reflexões, atividades, encaminhamentos – cinco aulas, Toca o sinal de saída.

Estacionamento, carro, ruas vazias, algumas quadras, em casa - escadas, porta de entrada. 23h. Janta, banho, conversas, sono, cansaço, banheiro, cama. Mente que não descansa, o dia ainda ressoa.

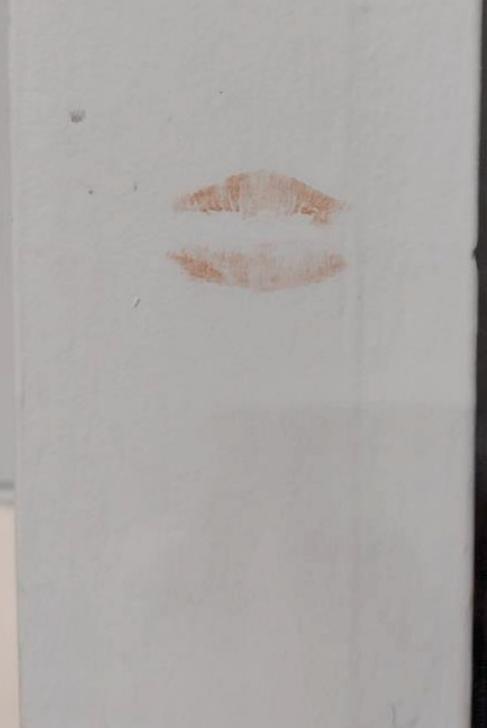
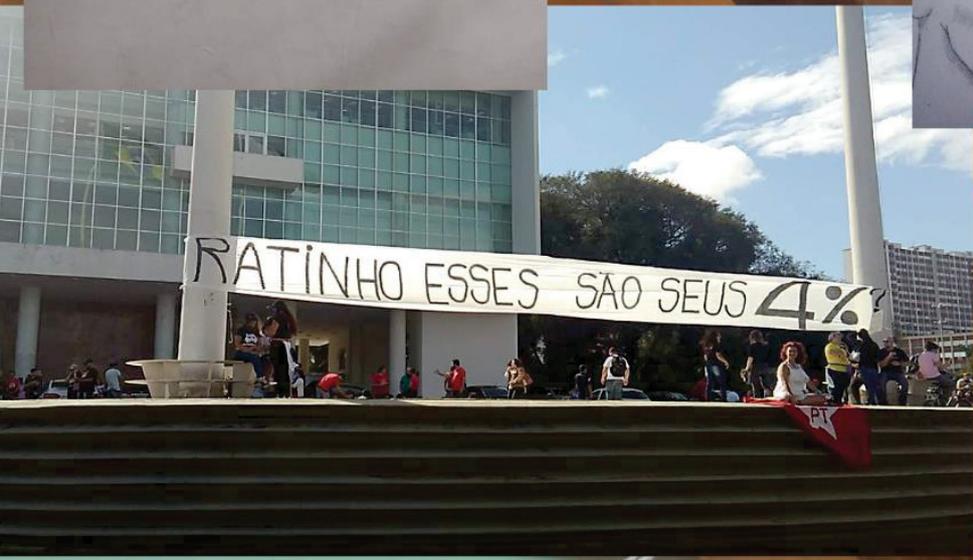
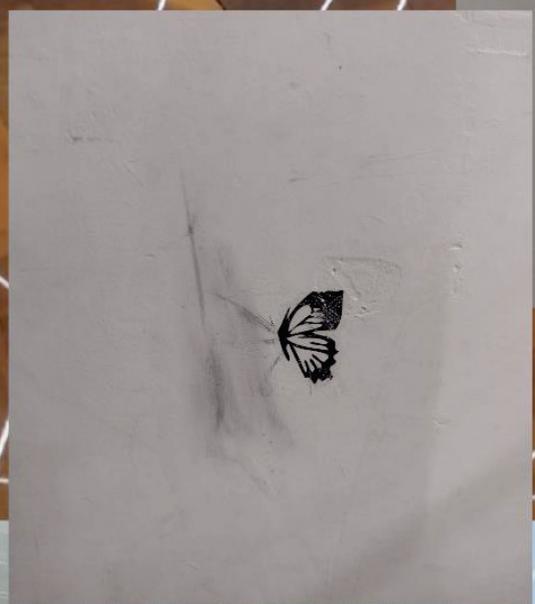
Dia seguinte, 06h15min. levantar ...

\*\*\*

Entre toda a rotina do dia, o corpo-pesquisador encontra brechas em desvios que escapam da vida automatizada. Outros mundos se criam, um corpo se transforma. As ruas, as cidades, os lugares já não são mais comuns. Meu corpo atento não para de fazer conexões por onde passa. Encontra outras possibilidades para sentir, pensar, viver o instante. Os atravessamentos são diversos.

Este corpo-cartógrafo em procedimentos mapeia (in)visibilidades dos dias, ganhando consistência nas aberturas. Observa, absorve, cria, inventa. Vou compondo uma cartografia por onde passo: em casa, no mestrado, no trabalho etc.

CORPO INQUIETO



Fonte: ALVES, 2023.

# UFPR - PALÁCIO DO IGUAÇU - ESCOLAS

Dessa forma, irei seguir as linhas que se rompem; se conectam; se cruzam – tramam. Buscarei registrar as intensidades que delas derivam em movimentos de subjetivação. Que atravessam o corpo deste professor de sociologia. Este movimento chamarei na pesquisa de atravessamentos formativos.

Sei que o percurso não é uma linha reta e o solo em que piso não é sólido. Isso é magnífico, me mantém atento e, claro, um tanto enlouquecido. O cartógrafo segue em ruínas. Conforme, Suely Rolnik (2016):

o cartógrafo vai sendo tomado de perplexidade. **Ele sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade.** Fica intrigado e quer entender o que provoca sensações tão paradoxais. Respira fundo, toma coragem, apela para o olho nu e também para a potência vibrátil, não só do olho, mas de todo o seu corpo. E começa a sua aventura. (Rolnik, 2016, p. 85, grifo próprio).

Essa aventura requer atenção. Cartografar exige preparação, criar procedimentos que permitam aberturas para se “ler” o campo e refletir sobre o que acontece. Durante o primeiro ano de mestrado ocorreram alguns disparos, e deles, adotei algumas ações:

- Caderno para anotações/pensamentos/observações (diário de bordo);
- Escrever sobre as vivências das ocupações em 2016;
- Carta como matéria de expressão;
- Movimentos que me atravessam atualmente.

#### PROCEDIMENTO: DIÁRIO DE BORDO

Com ele [diário de bordo] anuncia-se  
 uma viagem,  
 uma desinstalação,  
 uma atividade,  
 uma dinâmica,  
 uma saída de território,  
 uma experimentação.  
 Maristela Mello

Dois cadernos. Um de bolsa e outro de bolso. Ambos, sempre comigo. Protocolo: Sempre registrar. São brechas para entrar (estar) no encontro. O diário de bordo funciona como um mecanismo para capturar instantes de um tempo histórico que chegam ao meu corpo sensível. Entendido, nesta cartografia, como sugere Maristela Mello (2016):

Caderno de anotações sobre a descoberta da vida como multiplicidades e rizomas. Diário-testemunha de um processo de singularização, de novas formas de enunciação, enfim, de formas de invenção e produção, de si e da vida, da liberação de forças que, quando se combinam com outras, podem inventar novos e outros pensares e fazeres porque traçam linhas de fuga para fora dos territórios de saber e de poder. (Mello, 2016, p. 197).

Os cadernos permitem capturar intensidades dos encontros, uma maneira de registrar os acontecimentos, revisitá-los, permitir o silêncio, deixá-los em modo de espera. “Escrever é agrimensar, cartografar.” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 19).

Em alguns momentos na dissertação, aparecerão imagens dos cadernos, fragmentos dos registros os quais irão compor junto aos textos. Linhas que tramam, se (entre)cruzam, ganham movimentos, geram velocidades. Possibilidades para que o cartógrafo, com diferentes formas de linguagem, exprima intensidades vividas.

## PROCEDIMENTO: ESCRITA COM AS OCUPAÇÕES

Do lugar onde estou já fui embora.  
Manuel de Barros

Pensar as ocupações - escrever, escrever, escrever – um outro procedimento. Do corpo-representação ao corpo-experiência - mutação. Escrevo e reescrevo sobre as ocupações de 2016 em documentos no word, crio versões: 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> ..., apago, retomo, sigo fazendo.

Essa diferença está na estratégia de criação de territórios: para que este processo se oriente na direção dos movimentos de afirmação da vida é necessário construí-los com base nas urgências indicadas pelas sensações, ou seja, os sinais da presença do outro em nosso corpo vibrátil. (Rolnik, 2016, p. 20).

A adoção dessa estratégia me possibilitou pensar o movimento das ocupações que tomou o Brasil. E tomou este professor de sociologia. Deixou marcas. Os corpos desejanter dos estudantes geraram outras velocidades – racharam o concreto – fecharam escolas. Me atravessou. Com Rolnik (2016) ao escrever *Cartografia sentimental*, conta sobre a necessidade de uma imersão na memória das sensações que se viveu. E somente após um período há um entendimento melhor sobre aquela experiência coletiva, intensa, que gerou traumas para toda uma geração.

Escrever, agora, na dissertação sobre as ocupações, possibilita encontrar outras linhas formativas que marcaram este professor. Como no ano de 2017, quando recebi uma carta de uma estudante secundarista que participou do movimento. Essa carta caminha comigo até hoje, em minha bolsa.

Ela, a carta, se torna matéria de composição. Uma possibilidade de experimentação, uma abertura para outros mundos possíveis.

Nos estudos sobre cartografia, duas frases me tomam: *cartografar é acompanhar processos e cartografar é habitar um território existencial*.

Denota que nada está acabado e que interessam os processos de criação, a construção deste professor de sociologia que resiste, que diante dos atravessamentos formativos aprende, inventa e busca escapar da pedagogia dominante.

Rolnik (2016), sugere que a cartografia

acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (Rolnik, 2016, p. 23).

Acompanhar os processos com a percepção dos deslocamentos que acontecem nos encontros entre mundos. Buscando mapear como ressoa neste docente os atravessamentos que marcam seu corpo. Que alteram a sua prática docente. Desse modo, a cartografia segue essas linhas, acompanha e registra os movimentos de subjetivação. Segue uma metodologia outra, entendida por Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros:

como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. [...] No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas” (Passos; Barros, 2009, p. 17).

A cartografia se firma na processualidade. No momento em que o cartógrafo investe em sua expedição, sua aventura segue um percurso que trama e, nessas tramas, o investigador vai definindo suas rotas de exploração do campo, movido pelas intensidades dos encontros. No dizer de Rolnik, o “cartógrafo parte com uma ideia na

cabeça: tentar entender, antes de mais nada, a tal potência que sente no ar...” (Rolnik, 2016, p. 85).

A cartografia, segundo Passos e Barros (2009), compreende o traçado de um plano de experiência que está relacionado com o saber e com o fazer; onde se acompanha os efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento, não sendo possível prever as ações e objetivos antecipadamente, visto que a cartografia se direciona a traçar modos de existências singularizantes em um plano de imanência. Desse movimento, “lendo” o campo, vão surgindo objetivos, instrumentos de pesquisa dentre outros que são necessários ao estudo naquele momento.

Marcelo Adolfo Duque Gomes da Costa e Felipe Quintão de Almeida (2021), embasados nos escritos de Deleuze e Guattari, escrevem que:

o plano de imanência é o mar, em que queremos navegar, o deserto que queremos atravessar. Nós não o vemos, mas ele está lá, esperando para ser traçado, vivenciado, percorrido. Ele oferece um mapa, mas não um caminho, nem uma direção. (Costa; Almeida, 2021, p. 02)

Os autores afirmam a “inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir; toda pesquisa é intervenção.” (Passos; Barros, 2009, p. 17):

O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico. (Passos; Barros, 2009, p. 19)

No campo sigo cartografando, habito o espaço, crio movimentos, intervenho. Nele também sou alterado. “Trata-se de uma posição ética porque coloca em questão o próprio sujeito operador de uma intervenção, na medida em que ele também se assume enquanto uma instituição a ser analisada”. (Costa, 2020, p. 14).

Luciano Bedin da Costa, apresenta a cartografia como uma ética outra, baseada na experiência que escapa aos modos dominantes de existência. Na qual:

podemos dizer que ética: 1) não é algo dado a priori, e não deve ser confundido com valores, normas, códigos ou moral; 2) envolve-se com práticas de liberdade, das possibilidades de relação com e no mundo; 3) não é um lugar de chegada a ser ocupado (*ethos* enquanto morada do ser), mas uma disposição ao abandono (*ethos* enquanto movimento de partida). (Costa, 2020, p. 15).

Conforme vou cartografando, fico atento, buscando escapar de padrões. De modos hegemônicos que aprisionam os corpos. Escrevo por linhas de fuga. Busco cartografar existências minoritárias que afirmam a vida. Sendo essa a postura do cartógrafo que dialoga com a ética evidenciada por Costa. Dessa maneira, no fazer é que surgem os saberes na experiência. Os saberes emergidos exigem um novo arranjo. E o cartógrafo, aos poucos, vai construindo um corpo para “suportar as produções do desejo nos territórios por onde traça sua cartografia, ao mesmo tempo sendo superfície para que essas produções desejantes ocorram.” (Costa, 2020, p. 26).

Uma postura ético-política: estando vivo na pesquisa. Exposto. Atento. Pensar processos. Abandonar processos. Percorrer intensidades. Cartografar em desvios, acompanhar os movimentos das linhas.

Trata-se de pensar a ética-política cartográfica como uma postura de coragem, prudência e sensibilidade ao seguir as linhas.

Se, conforme Deleuze e Guattari, traçamos nossas cartografias em prol das linhas de fuga, é importante que estejamos atentas(os) aos movimentos de todas as linhas, com um pouco de coragem diante do que vem (na sua intensidade, tempo e forma), um pouco de prudência (para que as linhas de fuga não se tornem linhas de destruição) e um tanto de sensibilidade (para que consigamos acessar um pouco das múltiplas coisas que nos atravessam ao longo de todo percurso de uma pesquisa). (Costa, 2020, p. 29)

Experimentando em variações. Sendo atravessado pelo inesperado. Buscando fugir das ciladas. Vibrações em pulsões de vida. Ética em afirmação da vida. Política como criação e invenção de mundos. O “cartógrafo se faz por um regime de afetabilidade, ele toca e é tocado.” (Pozzana, 2013, p. 334).

Com Laura Pozzana (2013) ao escrever sobre a criação de um corpo cartógrafo, pondera que diante dos modos de existência hegemônicos, o cartógrafo precisa encontrar dispositivos que produzam aberturas, tais como:

*Desprender-se*

*Desmanchar-se*

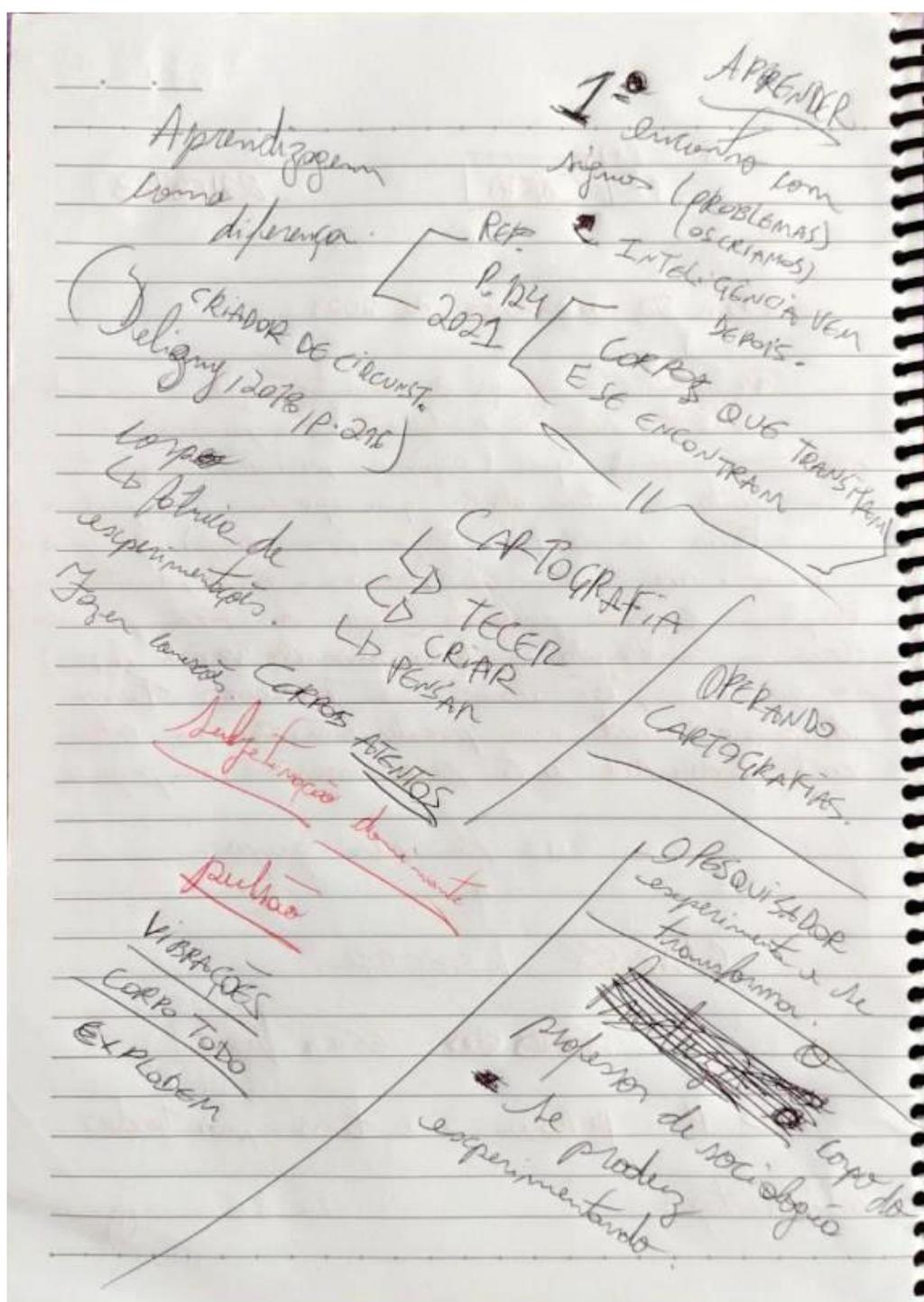
*Dar tempo*

*Dar espaço*

*Respirar*

*Estar disponível para o desconhecido*

Constituem esta cartografia, alguns processos vividos nas ocupações das escolas em 2016, uma carta em 2017 e linhas de docência construídas nesses últimos anos, atuando como professor de sociologia em algumas escolas estaduais. Linhas que “nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra. Rizoma.” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 84).



Fonte: ALVES, 2023.

Legenda: Diário de bordo. Leituras, pensamentos.

## ATRAVESSAMENTOS FORMATIVOS

A educação é em realidade sobre atentar para coisas, e para o mundo.  
Tim Ingold

Tim Ingold (2020) com uma escrita inspirada em John Dewey, entre outros, defende a educação como uma prática de atenção, relativa ao processo de continuidade da vida, que é social e geradora de transformação dos indivíduos.

Nas trajetórias deste professor de sociologia, com os estudantes e com esta pesquisa, experimenta (vive) intensidades nas quais encontrou possibilidades para este corpo transformar-se.

Buscando viver em potência, passo a criar outros mundos nos “lugares” de miséria. Crio na sala dos professores, em conselhos de classe, no regimento escolar que normatiza os corpos, no currículo e na matriz curricular de uma educação neoliberal no Estado do Paraná. Neoliberalismo agora aprofundado pelo então governador Ratinho Junior e pelo ex-secretário de educação, o empresário Renato Feder. Os quais não somente reduziram as ciências humanas e sociais no currículo do ensino médio, mas também, criaram um modelo e sistema de educação baseados na meritocracia, no empreendedorismo, nos interesses do capitalismo.

Tempos obscuros estes. No entanto, por contágio, os modos de existência minoritários geram revoluções em pequenas ou grandes proporções.

Como as ocupações de 2016 que continuam em variação em meu corpo e possivelmente em outros corpos.

Como a carta que recebo em 2017 (um encontro potente com uma estudante).

Como do Coletivo Humanidades que se formou para lutar contra a redução das aulas de arte, filosofia e sociologia no ensino médio no estado do Paraná.

Como o movimento de revogação do Novo Ensino Médio – NEM.

Como os estudantes nas escolas em resistências aos regimentos escolares, aos mecanismos de controle sobre os seus corpos.

Como tantas outras variações de uma educação institucional e homogeneizante.

Trata-se de um aprendizado com o outro, em exercícios da prática de atenção. Percebendo que em minhas trajetórias vou criando outras formas de me colocar no mundo – estando aberto e disponível para uma educação que não seja um “processo

de transmissão” (Ingold, 2020, p. 18), mas que, por sua vez, seja uma educação transformadora.

## OCUPAÇÃO

Ocupar e resistir é um grito e é um convite.  
Giorgia Prates, Lennita Ruggi, Monica Silva, Valéria Machado

~~Segundo notícias divulgadas pelas páginas oficiais de algumas ocupações e jornais, as ocupações foram iniciadas em outubro, no Paraná, e, posteriormente, 22 Estados tiveram escolas ocupadas. Foram ocupadas aproximadamente 1000 escolas, sendo o maior número no Paraná (por volta de 850 escolas).~~

Fonte: RIBEIRO PULINO, 2016, p. 288.

\*\*\*

Cinco de outubro de 2016, período da manhã, estou na escola. A atmosfera não é a mesma, meu corpo sente a vibração. Parece-me que entrar em sala de aula já não faz tanto sentido. O fluxo é outro.

Os jovens se movimentam, burburinhos no corredor da escola, o Grêmio Estudantil se reúne, passam nas salas de aula e convocam os estudantes para o saguão do colégio. Os corpos sensíveis, atentos, seguem para resistência e tramam com outros. Cada um em seu processo de criação que se elaboram e reelaboram os modos de pensar, sentir e agir. Assim tramam e, por contágio, afetam. “A função de autonomização num grupo corresponde à capacidade de operar seu próprio trabalho de semiotização, de cartografia, de se inserir em níveis de relações de força local, de fazer e desfazer alianças, etc.” (Guattari; Rolnik, 1996, p. 46).



Fonte: MÍDIA NINJA, 2016.

Alianças se formam. Vou para casa, na busca de alimentos e um colchão inflável. Estou povoado por estudantes. Somos corpos desejanter (pais, funcionários,

docentes, amigos, comunidade escolar) esses que chegam na escola com alimentos, cobertas, colchões etc.

No livro *Ocupar e resistir*, organizado por Giorgia Prates, Lennita Oliveira Ruggi, Monica Ribeiro da Silva e Valéria Floriano Machado, encontramos a afirmação: “as ocupações mostraram que são importantes articulações entre estudantes, pais, professores e funcionárixs, mas ganharam força como movimento horizontal porque era partilhado por todxs.” (Prates; Ruggi; Silva; Machado, 2017, p. 29). A força das alianças em um movimento espontâneo, indivíduos afetados pelos secundaristas, compondo com eles, acreditando na luta desta juventude, que teve a coragem de deliberar e ocupar a escola.

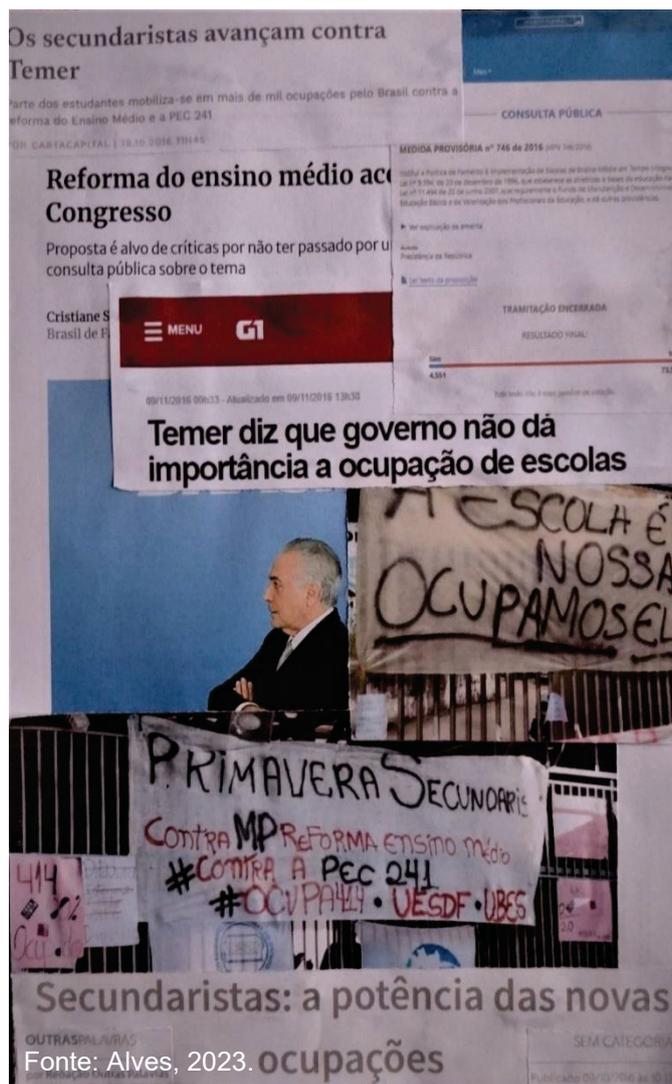
Eu estava certo, a aula já não poderia ser mais em sala de aula. “Dizemos que todo animal é antes um bando, uma matilha. [...] É esse o ponto em que o homem tem a ver com o animal.” (Deleuze; Guattari, 2007, p. 21). Os secundaristas tinham consciência da luta, criaram todo um sistema de organização coletiva e enfrentaram o então presidente da república Michel Temer. A potência dos estudantes tomou as escolas e ruas pelo Brasil, tornou-se uma espécie de revolução molecular. Está que “não se restringe as minorias, mas a todos os movimentos de indivíduos, grupos, etc. que questionam o sistema em sua dimensão da produção de subjetividade” (Guattari; Rolnik, 1996, p. 139).

Ali, diante do (e com o) movimento, este professor de sociologia estava tomado de emoções diante da potência de organização dos estudantes e da teia de relações que se formavam.

Constituição Federal, Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da ~~sociedade~~ REVOLUÇÃO DOS SECUNDARISTAS, visando ao pleno desenvolvimento da ~~peessoa~~ DOS ESTUDANTES, seu ~~preparo para o~~ NO exercício da cidadania e sua ~~qualificação para o trabalho~~. EM AFIRMAÇÃO DA VIDA.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Variação realizada a partir do artigo 205 da Constituição Federal de 1988, como uma forma de pensar sobre o movimento das ocupações que se apresentou como o exercício da cidadania. E não para uma futura cidadania.

Ressonâncias de uma revolução molecular que “consiste em produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material, quanto no campo subjetivo.” (Guattari; Rolnik, 1996, p. 46). Notavelmente, se constitui um movimento coletivo, um desdobramento de resistência frente à insatisfação da política neoliberal, da instituição escolar, e da insatisfação da proposta de reforma do ensino médio. Os corpos em potência maquinam e escapam dos modos capitalísticos de ser e de agir. São processos de singularização e formam alianças as quais produzem uma revolução molecular.



Os estudantes criaram uma escola a seu modo: Oficinas de estudo, teatro, mímica, esportes, culinária, limpeza, cuidado e organização do espaço. Todos tinham que estar em alguma atividade. Essa decisão cabia a cada um. Estudantes que eram “apáticos” na escola, agora vibram. Esse lugar já não é o mesmo. Agora, os encontros acontecem sem sinal, sem hora-aula para cumprir, sem local/sala de aula determinada, sem divisões por idade-série-turma-turno, sem ensalamento do lugar onde se sentar, sem carteiras enfileiradas, sem horários para ler ou emprestar livros, sem horário do intervalo. Instauração de novas rotinas construídas por necessidades da ocupação.

Na escola, um convite inusitado: propor uma oficina. Com um artigo de Maria da Gloria Gohn, vou ao encontro dos estudantes. O espaço é a sala de informática; a turma, multisseriada; os presentes, escolheram estar ali; a oficina um rizoma - no sentido de que “se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre

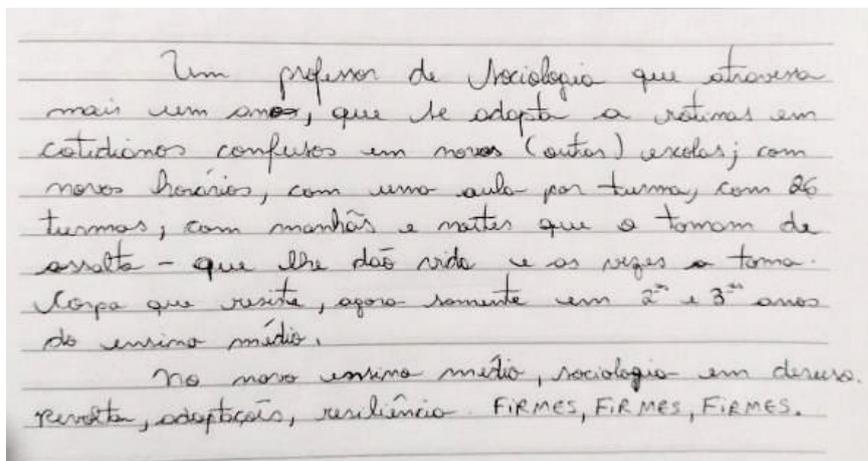
desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 43).

Eu, elaboro, crio e invento na oficina em conjunto com outros corpos. São mundos sensíveis afetados uns pelos outros, é uma experiência de vida. Leituras, contribuições, silêncios. Saio da escola contagiado. Volto em outros momentos.

Este professor de sociologia se articula na ocupação, acompanha e participa do movimento na rua, na praça, dentro da escola.

Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se com o muro da subjetividade capitalística. Ora os devires são absorvidos por esse muro, ora sofrem verdadeiros fenômenos de implosão. É preciso construir uma lógica – diferente da lógica habitual – para poder fazer coexistir esse muro com a imagem de um alvo que uma força seria capaz de perfurar. (Guattari; Rolnik, 1996, p. 50).

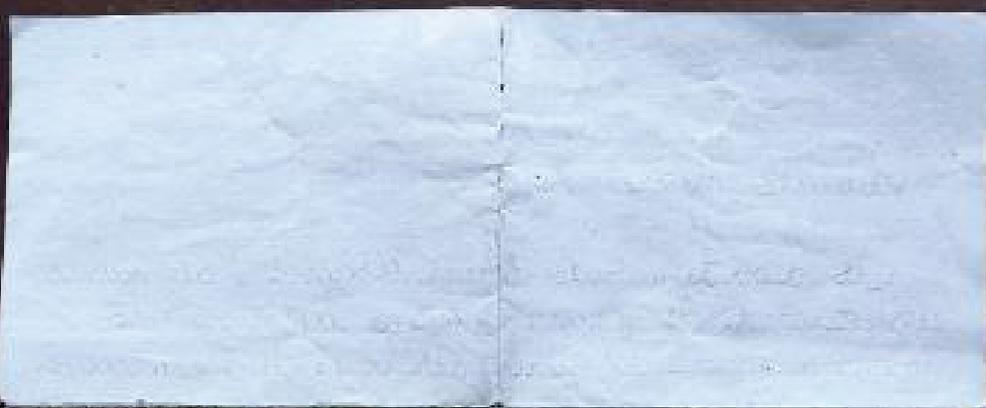
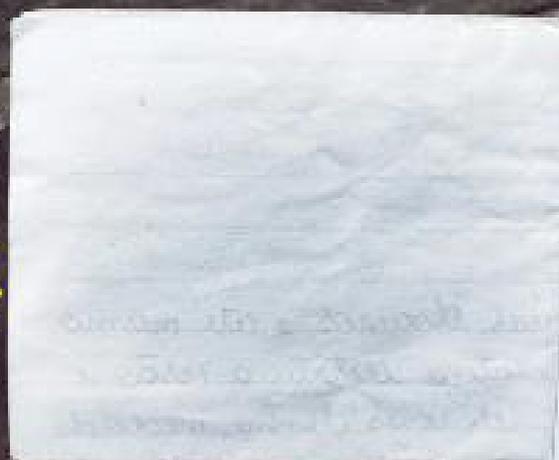
Uma linha de fuga vivida em 2016 ressoa em meu corpo até hoje. Um corpo-memória que rompe com os processos de subjetivação capitalísticas e se elabora em devires singulares. Uma força que habita em mim capaz de perfurar as pedagogias dominantes.



Diário de bordo: 16 de fevereiro de 2022.

# CARTA OCUPAÇÃO

# CARTA BOLSA



# CARTA EXPERIÊNCIA

## ESCRITAS COM CARTAS

Escrever por cartas, uma potência. Uma forma de escrita que aproxima. Traz intimidade. Coloca o escritor e o leitor em uma outra dinâmica. Cria outros movimentos. Coloca outros tons. Como bem diz Ana Kiffer (2017):

as cartas, por muito tempo, habitaram as margens do espaço inventivo, funcionando como verificação do discurso ficcional, ou como paratexto do texto literário. Mas aqui desejo ler as cartas, acompanhada por outros, como parte do processo inventivo. Como lugar que constrói, ou que muitas vezes inaugura, o espaço [im]próprio da escrita e da literatura. (Kiffer, 2017, p. 548)

Da experiência vivida, para a escrita com outras formas de dizer. Cartas que contam sobre encontros que atravessam este professor de sociologia. Uma escrita como processo de invenção. Cartas que passam a habitar outros espaços, para além das margens.

As cartas escritas na dissertação estão ao centro e às margens. As cartas que escrevo e a carta que recebi se proliferam como expressões de singularidades. Dessa forma:

a carta aqui é vista como construção possível de um espaço vital no seio da experiência da literatura. [...] Algo na experiência da escrita e da leitura das cartas localiza-se, portanto, no cerne da potência do não verificável, do impossível, do extraviado, do desmoronamento das subjetividades. (Kiffer, 2017, p. 548)

Cartas para pensar sobre outros modos de formação docente que, por vezes, ficam nas insignificâncias da vida, presentes nos dias, invisíveis diante da vida automatizada. Tomar a “carta como ferramenta para abordar o inabordável, ou para encetar o invivível da vida.” (Kiffer, 2017, p. 552).

Penso as cartas, inspirado em Sheila Hempkemeyer (2022), como um texto, um ensaio, que é uma carta. As cartas aqui funcionam para pensar as experiências vividas por este professor de sociologia que, nos contextos é atravessado. Com as cartas busco uma forma de escrita que conte sobre as experiências, da forma mais fiel possível do real, e possa chegar ao leitor nessa mesma intensidade.

DESNUDAR A MIM, NELA. COM ELA. UMA (VÁRIAS) CARTA(S).

## INSIGNIFICÂNCIA – CARTA

só os detalhes mais insignificantes, mais inúteis e menos edificantes revelam de que está  
feito um mundo.  
Jorge Larrosa

Uma carta não endereçada, sem envelope, apenas uma folha de caderno de tamanho médio, dobrada em algumas partes e com um texto que toma toda a página. Uma escrita direta, em agradecimento, em desabafo que deixa perguntas e reflexões. Uma relação docente e discente permeada pela intensidade do encontro do cotidiano, das conversas e das aulas. Uma carta que se constituiu nas insignificâncias do dia e potencializada pelo movimento de ocupações de 2016.

Uma carta que chega depois, em 2017, quando tudo se apresenta calmo, como se a superação ou esquecimento das ocupações tomassem a escola e a este professor de sociologia. Uma carta inesperada, uma revelação em palavras dizendo da importância deste docente na experiência escolar e de luta na vida da estudante e dos estudantes.

Na leitura atenta de cada frase, de cada termo, um resgate de memória, de sensações de 2016, o passado que se coloca no presente, que atravessa. Um meio e final de leitura emocionado. Não só pela lembrança dos momentos vividos e daquele momento de leitura. Mas também por saber que o encontro com a estudante foi importante para ela seguir.

Uma carta que permanece no presente, na bolsa, uma forma de viver possibilidades de uma educação menor. Uma carta que se faz presente, resgata memórias dos percursos e incursões da profissão deste docente. A carta que tem a força de refletir um passado que antecede os seus fatos. Que toma de assalto, que atravessa, que forma, transforma o corpo deste professor. Visto que o mantém vivo.

O contrário da instituição educacional, esse lugar normatizado, repleto de automatismos e com uma velocidade intensa, como apontado por Larrosa no artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, no qual adverte que:

os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça [...] E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (Larrosa, 2002, p. 23)

Pensando com Larrosa, cada vez mais temos menos tempo, cada vez mais estamos acelerados, cada vez mais estamos imersos em nada e nada nos acontece. Esses tempos da escola e de escola contemporânea, como aponta o autor (2002).

O período em que estou trabalhando na docência/escola vivendo sob as linhas duras institucionais, diariamente essas linhas violentam e ferem o meu corpo. Os meus sentidos

Diante do nefasto, eu, professor de sociologia, me desloco na carta. A força de uma experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (Larrosa, 2002, p. 21).

Uma marca que continua operando em invenção no meu corpo. Onde a experiência só foi possível porque estava aberto para viver tais momentos. Dizendo com Larrosa (2002) é preciso estar aberto, para acolher o que acontece e lhe dar espaço. Disponibilidade e atenção também se aprendem. A profissão docente tem me ensinado, principalmente no contato com estudantes.

Estar vivo envolve o risco constante, vivendo no inesperado, sem determinar como pode ser. Ainda com Jorge Larrosa, o “sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (2002, p. 24). Uma carta, uma experiência singularizante, uma outra forma de se estar na educação.

Com esta carta crio procedimentos, experimento. Busco inspiração nela para compor, aberturas para pensar este professor de sociologia que se transforma nos encontros com os estudantes. Me afastando daquilo que já sou. Refletindo no momento em que jogo com esta carta. Desnudando a mim nela, com ela.

## I. Uma carta que chega e me convoca

A formação só poderá realizar-se intempestivamente, contra o presente, inclusive contra esse eu constituído, cujas necessidades, desejos, ideias, e ações não são outra coisa que o correlato de uma época indigente. A luta contra o presente é também, e sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para “chegar a ser o que se é” há que combater o que já se é. Porém o sentido dessa luta é afirmativo.

Jorge Larrosa

\*\*\*

*Para a vida,*

*Para a espiritualidade,*

*Para a troca,*

*Para dar sentido, para ser sentido,*

*Para se sentir ... Como ... Parte ... E ... Seguro ...*

*Para recordar,*

*Para ressignificar,*

*Para lutar,*

*Para esse professor pensar ... Sentir ... Agir,*

*Para este professor sobreviver ... E ... Viver,*

*Para este professor existir ... Reexistir ... Resistir,*

*Para este professor parir ... Abortar ... Se encontrar ... Reencontrar ... Reelaborar,*

*Para este professor se formar ... Se transformar,*

*Para este professor tremer ... Chorar ... Amar ... Ruir ... Cair ... Sorrir*

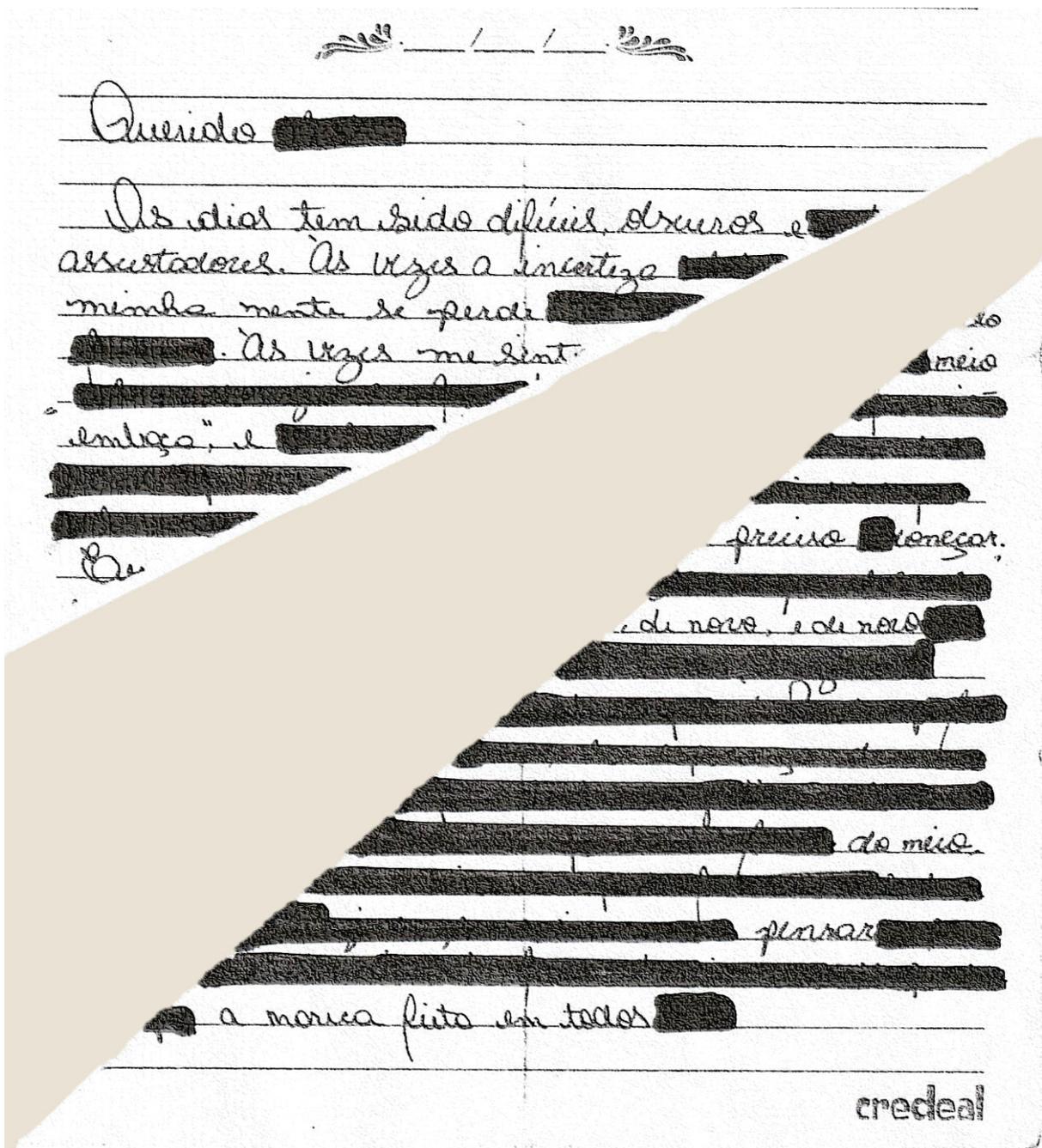
*Para este professor sonhar ...*

*Para este professor de sociologia transbordar...*

\*\*\*

## II. Pelas margens

O meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade.  
Gilles Deleuze; Felix Guattari



## II.I. Pelo meio

[...] riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.  
Gilles Deleuze; Felix Guattari

“Certa hora da tarde era mais perigosa.”  
(Lispector, 1998, p. 30)



Dia 22 de março de 2023.

Reunião do grupo de orientação.

Comento sobre o andamento da pesquisa. Surgem preocupações quanto a carta e outros objetos que aparecem na pesquisa em forma de amuletos.

Kátia convida o grupo para compor. Me levam a pensar. Anoto. Desestabilizo. Saio perplexo.

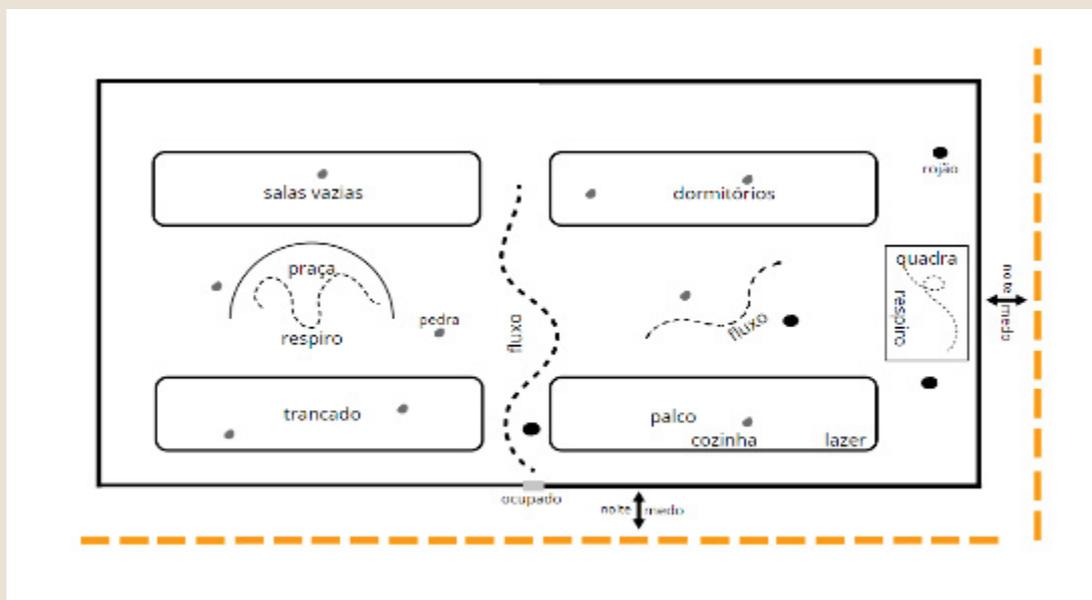
Continuo pensando. Entro na madrugada. Saio dela. Vou para escola. Dias passam. As ideias vão “clareando”. Tomo decisões. A carta vira procedimento. Variação. Estou cartografando.

Me sinto vivo novamente na pesquisa.

Que grupo! A hora perigosa me toma nas tardes de orientação em certas quartas-feiras.

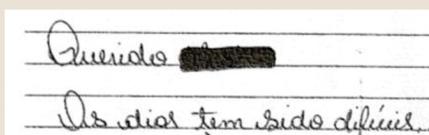
\*\*\*

## III. Carta atemporal



Fonte: ALVES, 2023.

Legenda: mapa de uma escola ocupada pelos estudantes.



[...] diria também que preocupantes, passo pela ocupação e fico sabendo das notícias. Durante as semanas, no cair da noite, movimentos que vem da rua amedrontam os estudantes, pedras e rojões são lançados na escola. Noites que os estudantes não dormem, noites em que eu perco o sono ou fico acordando na madrugada.

Diante das ameaças, passo o meu contato, moro próximo da escola.

\*\*\*

Hoje em dia, cartografando, olho para pracinha da escola, continua sendo momentos de respiro de funcionários e especialmente de estudantes. Volta e meia (durante os anos) estou por ali. E, às vezes, rola um bom encontro. São espaços menores, linhas de fuga.

começar, de novo, e de novo.

Pedir para ir ao banheiro, nem sempre é necessidade fisiológica.

às vezes me sinto, minha mente se perde, arisco embeço. Nessas horas, o banheiro vira à praça.

\*\*\*

Tem dias que dá vontade de gritar. Assim como acontecia na ocupação, vez ou outra, notícias sobre uma possível reintegração de posse, multas diárias pela não desocupação, pressão da comunidade escolar, etc... incerteza [...]

incapacidade de um sistema. Não havia paz, e quando é que há. Os estudantes gritavam, esperança de um amanhã melhor. davam formas de escapar das ameaças do dia,

Que por vezes, não vinha.

Os dias tem sido difíceis, duros e até mesmo assustadores. objetivava passar a administração de algumas escolas para o setor privado, gerou um descontentamento e medo daquilo que poderia e pode vir a acontecer. Uns com nó na garganta e outros com vontade de gritar. Linhas duras, hoje, em alta tensão.

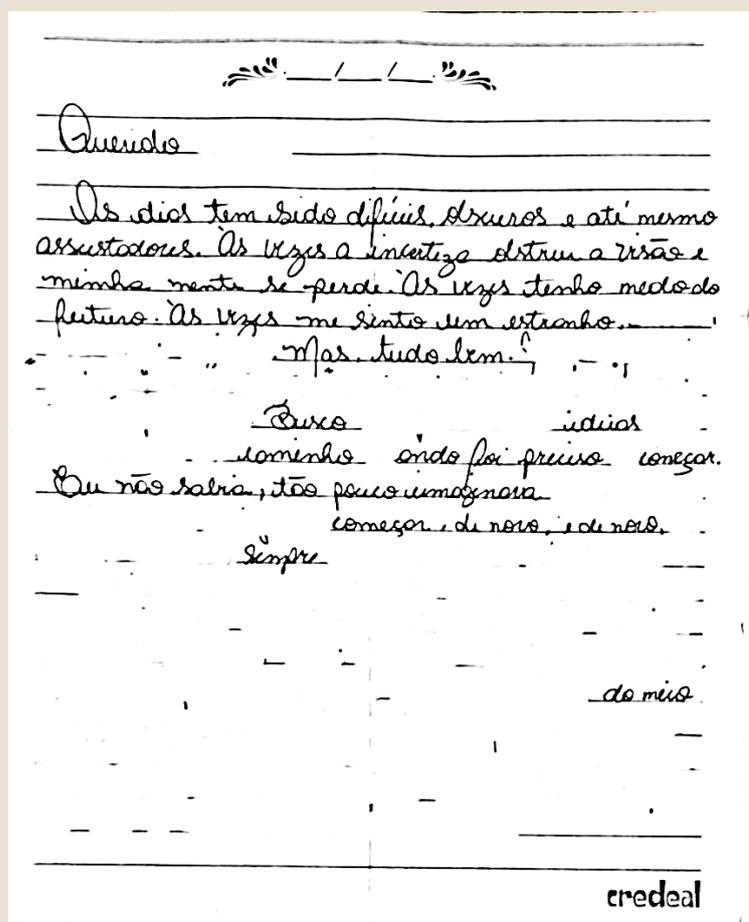
Burro idiota

homens do meio,

A ocupação gerou desconforto. Foi um movimento coletivo transformador de subjetividades. Isso porque combateu os automatismos do cotidiano escolar, as normatizações, as culturas institucionais. Nos termos de Larrosa (2009, p. 52), nos fez perguntar “o que faço aqui”. “E aí, não se trata agora de condenar o que impede a vida, mas de afirmar a vida.” (Larrosa, 2009, p. 53).

A carta chegou em 2017, a ocupação ainda gera ressonâncias. Em cada um de nós, ao seu modo singular. Kátia Maria Kasper e Gabriela de Sousa Tóffoli (2018) na experiência a:

desestabilização é primordial para a subjetividade, alertando- -nos que a vida chegou a um estado desconhecido, presente no corpo, mas ainda sem palavra, gesto e imagem; um estado que impõe ao desejo uma exigência de pensar-actuar para dar-lhe consistência existencial. (Kasper; Tóffoli, 2018, p.89)



## Movimentações, corpos inquietos

Engenharia de um sistema em colapso. Os corpos dos estudantes gritam. Aparentam revolta. Incerteza s rondam a escola. Movimentos estudantis se organizam. Estudantes demonstram descontentamento.

Novo Ensino Médio. Das 7h10min. até às 12h30min. Os dias tem sido difíceis. Plataformas diversas. *Quizzes* infinitos. Novas Unidades Curriculares. Sistema de produção acelerado. Cansaço, esgotamento, ansiedade. Pressão. Linhas duras chegam aos nossos corpos ... outras linhas também ... 2022 foi ... 26 turmas, 3 escolas... rolou muita praça e muita quadra. 2023, Linhas de fuga. Micropolíticas.

O QUE ESTÁ POR VIR?

Larrosa (2012, p. 30) diz que todo texto, como o mundo, como o próprio homem é fluído, é um devir. [...] o leitor e a leitura são múltiplos, infinitos de sentidos. A leitura não é uno. E ainda, que o “bom” leitor utiliza de todo o seu corpo. Aceitando, desconfiando e refutando o texto.

Ao ler a carta vou fluindo em devires.

Rasgar a carta. Fazê-la em pedaços. Perder-se em sentidos. Criar outros sentidos. Desvio para outros mundos. Habitá-la em encontros. Quebrar as frases, o texto. Fazer ressoar.

Lançar linhas pelo alto. Deixá-las repousar. Entrelinhas, cruzamentos, descontinuidade. Desmanchar-se. Fazer conexões.

Inaugurar um sobrevoo, desprentesioso. Olhar com o corpo todo. Cartografar o território. “Intensidades que me afetam e capturaram minha atenção flutuante.” (Santos, 2023, p. 100).

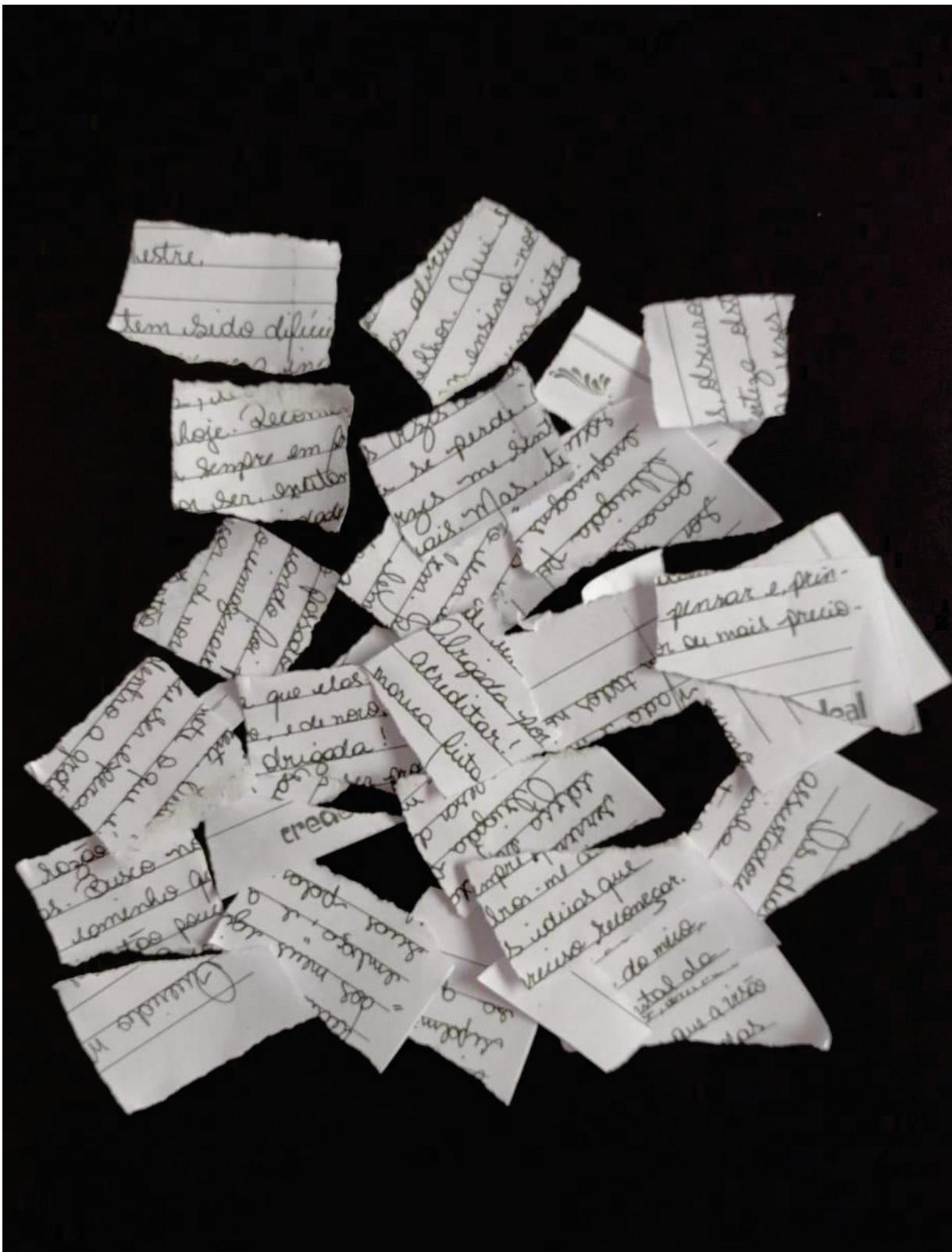
Pensar o desmanchamento da carta enquanto força da experiência. Enquanto acesso de vivências subjetivas. Outros modos para viver. Outras velocidades que escapam à vida capitalista. Desvios pelo meio. Ressonâncias da carta.

Aprender na diferença. Transformar-se nos atravessamentos.

PERMITIR-SE

## IV. Carta mundos.

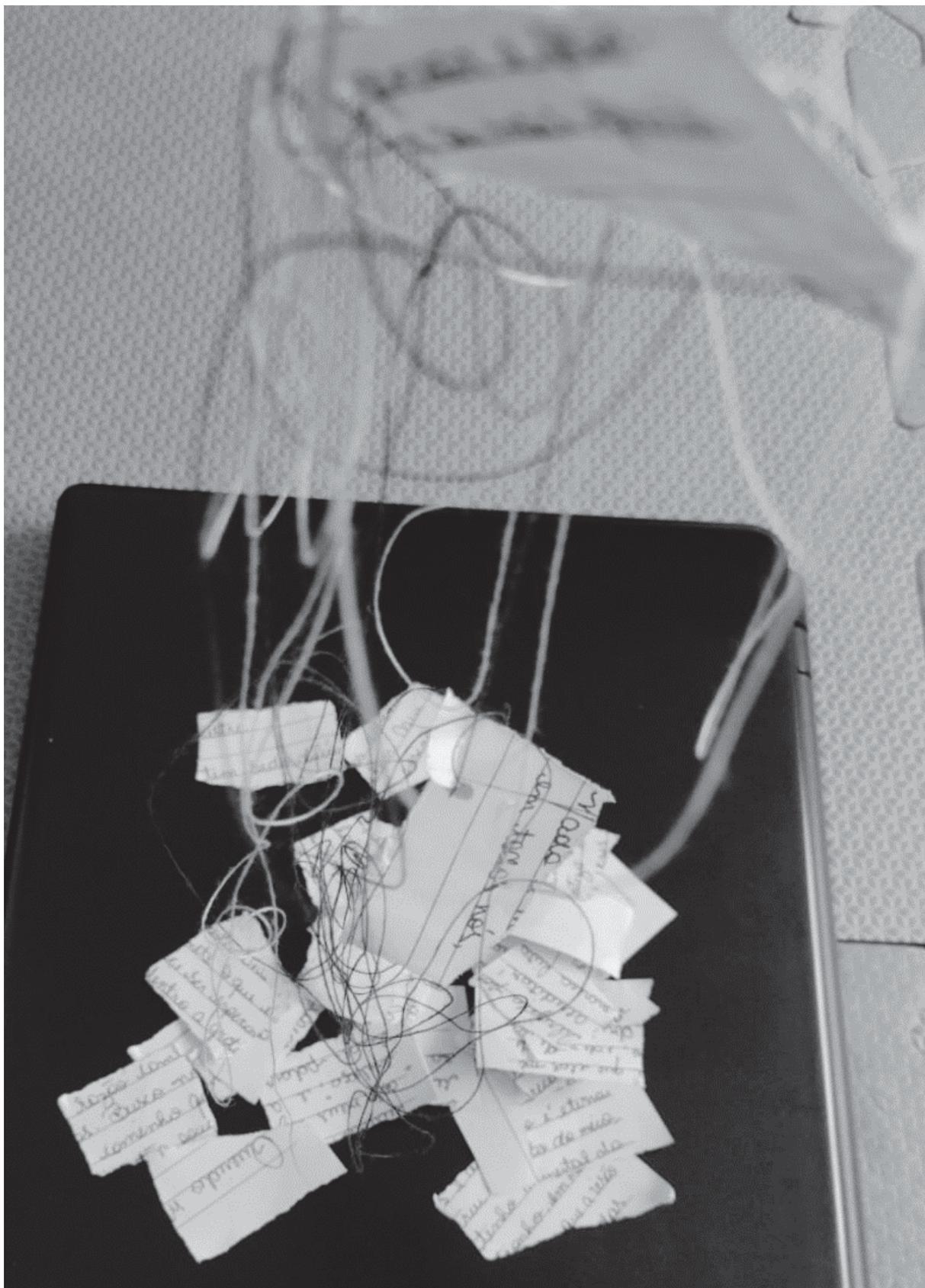
Viver desprotegido. Encontrar novos mundos. Ficar exposto.



Perambular em um território existencial. Conexões que fazem vibrar. Dessa forma, Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2015), compreendem que as “paisagens vão sendo povoadas por personagens e esses vão pertencendo à paisagem” (Alvarez; Passos, 2015, p.131).



Seguir linhas. Como travessia: experimentação. Ato relacional com matérias não-humanas. Elas estão povoadas de gente.



Inquietação, lançar as linhas, em sobrevoos, retirá-las. Meu corpo atento.

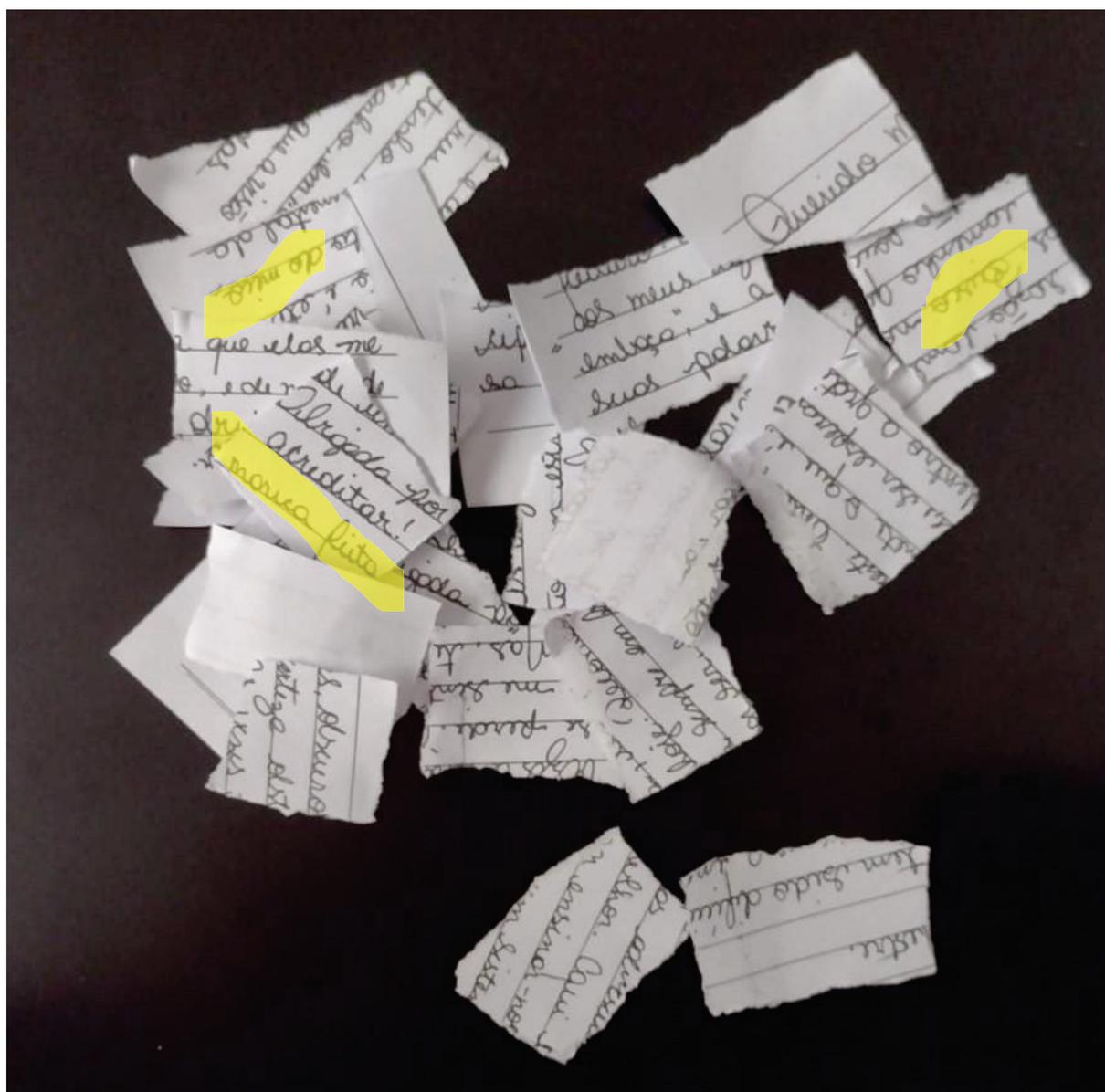


O que fica?

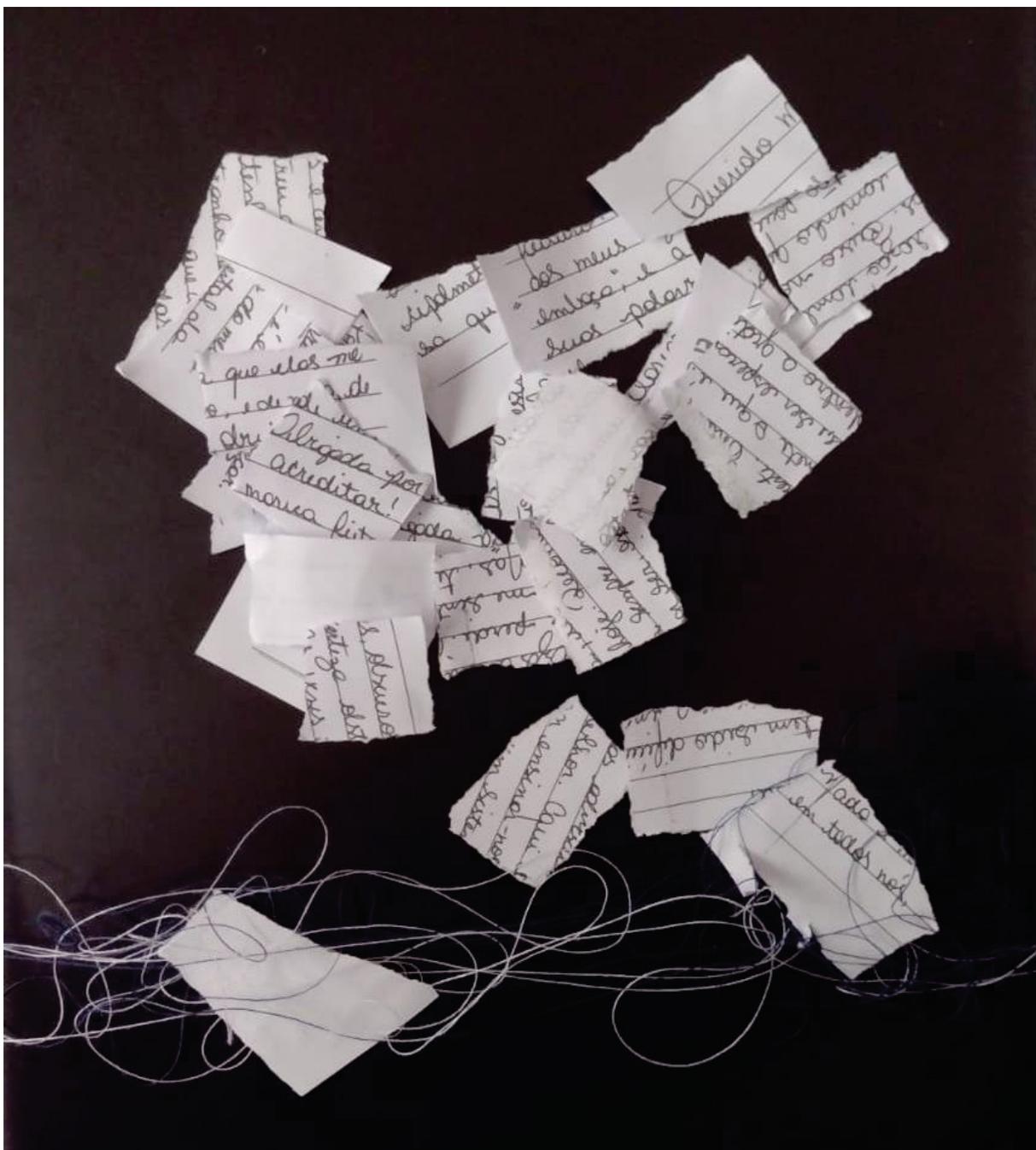
O que vai?

Se é que fica?

Se é que vai?



Permitir o movimento.



O procedimento acima, realizado há três dias, continua ressoando em meu corpo. Estou lidando com ele o qual me possibilita acessar (in)visibilidades dos dias. Como a escrita na sequência.

## V. Inédito viável

*O pulso ainda pulsa*  
Banda Titãs

13/04/2023 – Em minha mesa de coordenador do curso técnico em administração que fica na sala do setor pedagógico (estar coordenador, não me faz me perder do sociólogo que sou, nesse momento, o sociólogo em pele de coordenador ocupa outros espaços na escola e por contágio o altera).

Das 7h10min. até às 8h30min. muitas coisas ocorreram. Estudantes chorando, estudantes passando mal, uma mãe em pânico, casos de “indisciplina”, obrigatoriedade do uniforme, atrasos, (...). De três pedagogas, hoje estava apenas uma.

De situação em situação, fui angustiando e, aparentemente, uma pequena revolta se instalou dentro de mim, ainda em silêncio. Uma vontade de sumir dali, gritar. A face dos tempos em que vivemos, presente em diferentes rostos. O que me vem à cabeça: Como eles / eu, escapo do caos? Desse modo de existência de morte?

Eis que surge uma fresta. Uma palavra escrita em uma jaqueta que pousa diante dos meus olhos:

**RUJA**

Pego pelo acaso, dou um sorriso.

Fui capturado, cartógrafo em movimento, anotei o possível em um pedaço de papel. Pela tarde em casa, ainda ressoando, corri aqui escrever.

Ruja, mas ruja com força.

Exprima no rugido o que há dentro de você.

Só ruja se for fazer o teu corpo vibrar e o lugar estremecer.

Ruja selvagem.

Ao ponto que a boca quase venha a rasgar.

Que faça a cara tremer.

Que fique sem ar.

De algumas vezes que rugi, lembro-me de:

**RUGIR** em revolução e em desespero

\_\_\_\_\_ no massacre de 29 de abril ordenado pelo então governador Beto Richa, em 2015;

\_\_\_\_\_ ao ver uma estudante com o olho roxo, resultado do pai alcoólatra;

\_\_\_\_\_ ao ouvir em conselho de classe termos como “afetado”, “gazela”;

\_\_\_\_\_ ao ver os estudantes ocupando a escola;

\_\_\_\_\_ ao ver situações de abuso;

\_\_\_\_\_ ao ver professores autoritários;

\_\_\_\_\_ ao me ver impotente em diversas situações;

\_\_\_\_\_ ao saber de estudantes passando fome;

\_\_\_\_\_ ao entrar e sair de greves;

\_\_\_\_\_ frente ao negacionismo do presidente Jair Bolsonaro diante da pandemia;

\_\_\_\_\_ aos genocídios de maneira geral;

\_\_\_\_\_ na vitória da escola pública em listas de vestibular;

\_\_\_\_\_ na superação de estudantes;

\_\_\_\_\_ em aulas emocionantes;

\_\_\_\_\_ em aulas conturbadas;

\_\_\_\_\_ em aulas que fui autoritário;

\_\_\_\_\_, hoje, em palavras e em algumas situações nos dias de coordenador, onde o professor de sociologia (sociólogo) age em potência.

Aprender na experimentação do corpo.

Vivemos aprendendo por contágio:

Carta,

Jaqueta,

Outros mundos.

Inédito viável.

## VI. Pulsações

Querida \_\_\_\_\_. Vamos pelo meio.

*Os dias têm sido difíceis, obscuros e até mesmo assustadores.*

Nos encontramos em seu 3º ano do ensino médio, em 2016. Ano que chego para morar e trabalhar em São José dos Pinhais - PR. Venho de outra escola, cheio de incertezas, medos, esperanças. ~~Começar~~ a vida, ou melhor, continuá-la em um novo lugar. Trago aprendizagens ~~na mala~~ no corpo, marcas das experiências que vivi. Não somente da vida como professor, mas de tudo o que vivenciei em minha vida.

Com você, não é diferente. Com ninguém. Somos formados por linhas. Traços dessas linhas já havia notado em seu corpo e nos corpos dos demais integrantes do Grêmio Estudantil. Fiquei intrigado com as linhas de fuga. Não pelo tênis *all star* sujo. Havia uma provocação no olhar, na postura, na fala. Uma rebeldia. Era um grupo desarranjado.

Em julho do corrente ano, sábado, feira do conhecimento. Na pracinha da escola, vocês, abusando da arte circense. Me lembro do nariz de palhaço e das roupas largas. Eu, ainda forasteiro na escola, não me aproximava muito, admirava à distância.

Em sala, você e mais um grupo, conversavam sobre o curso pré-vestibular *Em Ação*, assim como, desde o início do ano aproveitavam ao máximo as aulas. Notei isso na 2ª semana. Fator esse que aumentou o meu desejo de estar no terceiro ano A, propondo, provocando, sorrindo. Me sentia leve, potente.

Seus corpos estavam acessíveis. Abertos para viver aprendizagens em experiências. Na sala de aula, no Grêmio Estudantil, na escola, fora dela, no cursinho, [...] nas ocupações. Me estremecia.

Sempre vi e ainda vejo força em você. Sou grato pelo encontro que tivemos. Mundos que tramaram juntos em linhas de fuga. Mundos que ainda tramam, mesmo distantes, em outras possibilidades de invenção.

Por contágio, o encontro com você era e, ainda é, aumento da potência de agir deste professor de sociologia.

Investigando, cartografando atravessamentos vividos no período das ocupações das escolas e seus efeitos no professor que tenho me tornado, eis que nos

reencontramos. O seu convite, inusitado, em 27 de fevereiro de 2023, via rede social, para estar na tua cerimônia de conclusão de curso. Me fez vibrar.



*Nada é maior ou mais preciosa que a marca feita em todos nós.*

Aos cuidados,

Jair Andrade Alves  
Paraná, 03 de maio de 2023

## VII. A carta na íntegra

Querido Mestre,

Os dias tem sido difíceis, duros e até mesmo assustadores. As vezes a incerteza destrui a visão e minha mente se perde. As vezes tenho medo do futuro. As vezes me sinto um estranho, em meio dos meus iguais. Mas, tudo bem. Sempre que a visão "emboço", e a voz "lombalio" lembro-me das suas palavras. Busco no passado as ideias que iluminaram o caminho quando foi preciso reconectar. Eu não sabia, tão pouco imaginava que eles me serviriam até hoje. Recomeçar, de novo, e de novo, de cabeça erguida, sempre em frente. Então, Obrigada!

Obrigada por ser, exatamente o que é. Por ser professor apesar das adversidades, ser esperança de um amanhã melhor. Aqui dentro a gratidão é eterna. Obrigada por ensinar-nos, que somos fruto do meio, responsáveis de um sistema, parte fundamental da sociedade. Obrigada por ensinar-nos a pensar e, principalmente, a acreditar! Nada é maior ou mais precioso que a marca feita em todos nós,

x I tento que tu nos escreves o fim do ano de  
2016 sobre a minha vida. Obrigada !!

M.

## OUTRAS INTENSIDADES

Perder-se.

Deixar-se perder.

Viver de rascunhos. I-na-ca-ba-do. Na repetição, a diferença. Como esta dissertação que já passou por diversas versões. Textos, imagens mudaram. Mundos que habitei se desmancham em outros mundos, em outras realidades. Novas paisagens. Outras leituras. Outros rascunhos.

Vou sendo atravessado e vou atravessando em encontros potentes. Continuo aprendendo com os estudantes. Me perdendo com eles da vida automática que nos consome. Estou (estamos) aprendendo a jogar.

É PRECISO SABER JOGAR

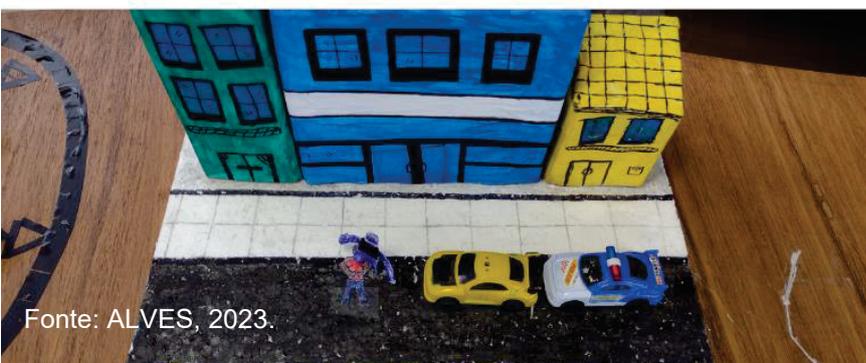


Desterritorializando:

Meu corpo ... este professor... este pesquisador.

Perambulando encontro-me vivo.

Atento, vou me des-for-man-do.



## **Professor em potência, estudantes em pânico.**

No primeiro período do mestrado em 2021, faço algumas leituras de dissertações e artigos que foram encaminhados por Kátia Kasper. Participei das reuniões virtuais do nosso grupo de orientação *SemNomeAinda*. Fiz algumas leituras iniciais dos(as) autores(as) que compõem as nossas pesquisas.

Capturado pelos movimentos no mestrado, início o ano letivo em 2022 com outra vibração. Uma força me convoca e me coloca para pensar sobre a minha prática docente, sobre como lidar com o novo cenário em que a sociologia se encontra no ensino médio.

Começo o ano letivo trabalhando em 3 escolas, nas 15 turmas de segundo ano. Dentre as 26 turmas que atendo, elaboro uma proposta para estudarmos sobre o tema cultura, com 1 aula por semana. Lemos e partilhamos em rodas de conversas sobre o livro: *Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia. Deslocando a leitura para nossas experiências de vida.

Em continuidade, proponho aos estudantes que façam na escola uma instalação artística, que usem de nossas conversas e das leituras que fizemos sobre o livro para criar uma forma de expressar o que estão pensando, sentindo. Deixo uma única ponderação, que pensem e coloquem em seu projeto a seguinte pergunta: Qual o seu sentimento sobre isso?

Os estudantes, prontamente, solicitam, alguns exigem, codificações do que devem fazer - passo-a-passo. Eu respondo, o que é possível vocês fazerem? Tragam ideias e trabalhamos nelas.

Uns empolgados, outros perplexos. Possibilidades de criar, de inventar, nem sempre temos por aqui na escola.

Durante as semanas, trabalhos começam a ganhar corpo, vamos desenrolando juntos.

Seguindo outros percursos, criando com os estudantes, aprendendo junto com eles. Afetando e sendo afetado em nossos encontros. Resistindo ao instituído, à instituição. Fui propondo outros modos de viver a sala de aula e os conteúdos de sociologia. Com os estudantes fomos costurando, entre leituras, experiências e descobertas. No encontro, fomos aprendendo.

## O QUE VAZA, ESCAPA DO CURRÍCULO INSTITUCIONAL

Pensar o currículo para além de uma definição do que é, mas como uma realidade que atravessa este professor e os estudantes. Pensando como uma relação de poder. Pensando como invenção de um modo de existência.

Para isso, neste texto, vou compor junto com os escritos de Tomaz Tadeu da Silva tomando como base o seu livro *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*, escrito em 1999. Contarei, também, com o artigo: *Diferença no currículo*, escrito por Marlucy Alves Paraíso, publicado em 2010.

Conforme Silva (1999), o interesse que permeia todas as teorias do currículo está em “saber qual conhecimento deve ser ensinado” (Silva, 1999, p. 14). Diante disso podemos estabelecer que todo currículo “é sempre resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes” (Silva, 1999, p. 15) e como tal, essas teorias, ao fazerem uma seleção de conhecimentos, têm em mente um “tipo de pessoa que elas consideram ideal” (Silva, 1999, p. 15). Dessa forma, o currículo não é somente “uma questão de conhecimento, [...] é uma questão de identidade” (Silva, 1999, p. 15-16).

As teorias críticas e pós-críticas sobre o currículo estabelecem que não existe neutralidade, como as teorias tradicionais traziam. Ao pensar os objetivos, conhecimentos e técnicas, está se criando um modelo de currículo, de educação. Está se criando um modo de pensar, sentir e agir, está se (re)produzindo um modo de existência. Que cria padrões de escola, de ensino, de vida.

Nas palavras de Silva:

Nenhuma teoria é neutra, científica ou desinteressada, mas que está, inevitavelmente, implicada em relações de poder.  
As teorias tradicionais, ao aceitar mais facilmente o *status quo*, os conhecimentos e os saberes dominantes, acabam por se concentrar em questões técnicas. (Silva, 1999, p. 16).

As relações de poder marcaram o tipo de currículo a ser pensado, aplicado. As teorias críticas e pós-críticas partem para estudos em busca de entender o que determina a inclusão e exclusão de certos conhecimentos; o que determina a seleção de uma identidade em relação a outras; ou de uma subjetividade em relação a outras. Trata-se de pensar “as conexões entre saber, identidade e poder” (Silva, 1999, p. 17).

Silva (1999) afirma que as teorias nos ajudam a enxergar coisas que não conseguiríamos sem elas. E que por conta dos conceitos que elas desenvolvem, nos levam a uma forma de ver a “realidade”.

As teorias críticas do currículo, ao deslocar a ênfase dos conceitos simplesmente pedagógicos de ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder, por exemplo, nos permitiram ver a educação de uma nova perspectiva. [...] Da mesma forma, ao enfatizarem o conceito de discurso em vez de conceito de ideologia, as teorias pós-críticas de currículo efetuaram um outro importante deslocamento na nossa maneira de conceber o currículo. (Silva, 1999, p. 17).

As preocupações das teorias críticas se embasam em desenvolver conceitos para compreender o que o currículo faz. Veem o currículo como uma reprodução do sistema de dominação vigente na sociedade capitalista. Uma forma de se manter o poder. Naturalizando as desigualdades de diferentes ordens. As teorias críticas de modo geral, propõem um currículo que rompa com uma educação hegemônica, criando formas de resistência ao instituído bem como, o combate ao currículo oculto, este que “ensina, em geral, o conformismo, a obediência, o individualismo [...] ensina, ainda, através de rituais, regras, regulamentos, normas.” (Silva, 1999, 79).

Silva (1999) afirma que as teorias críticas ao desocultar o currículo oculto, ao permitir que tomemos a consciência sobre a sua existência, faz com que ele se torne menos eficaz. “Tornar-se consciente do currículo oculto significa, de alguma forma, desarmá-lo.” (Silva, 1999, p. 80).

Ainda pensando com o autor, apesar do currículo oculto já não o ser assim, oculto, devido ao neoliberalismo o afirmar declaradamente como uma subjetividade e valores capitalista, foi um momento importante das teorias críticas para pensar as invisibilidades presentes no currículo. De certa forma, problematizá-lo. Oculto ou não, ainda funciona como um modo de tentativas de aprisionamento dos corpos diante dos interesses do capital.

Quanto às teorias pós-críticas, compreendem o currículo como uma relação de poder, no qual o poder está descentralizado e permeia todos os campos sociais; entendem que o currículo tem um papel formativo. De tal modo, compreendem-no como “um território político, [...] uma invenção social como outra qualquer” (Silva, 1999, p. 148). Estabelecem que “o conhecimento é parte inerente do poder [e que o poder não se limita] ao campo das relações econômicas do capitalismo” (Silva, 1999, p. 149), podendo ser ampliado a outros processos de dominação como de gênero,

raça, sexualidade etc. Logo, entendem o currículo como um processo de dominação. Produtor de uma subjetividade capitalista.

Seja nas teorias críticas ou pós-críticas, o currículo se estabelece nas relações de poder e exprime as vontades hegemônicas de uma sociedade.

Segundo Silva (1999), “currículo é lugar, espaço, território. [...] nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.” (Silva, 1999, p. 150).

Dessa forma, o currículo supera a noção de ser um mero documento norteador da educação. Ele traz consigo uma série de problematizações das relações sociais e, tão logo, das disputas de poder. Ele cria padrões de pensar, sentir e agir. Visa formatar a vida em um modo de existência.

Conforme Silva (1999), o currículo vem atendendo aos interesses do capitalismo, em uma política neoliberal. Se coloca como um campo de disputas que refletem os tempos históricos e as suas tendências. Assim, “um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão ‘seguir’ aquele currículo” (Silva, 1999, p. 15) formando um ideal de professor, de escola, de estudantes, de vida.

Paraíso (2010), ao escrever sobre o currículo, encontra uma outra maneira de pensá-lo. Busca com o conceito de Deleuze sobre diferença<sup>5</sup> produzir outras lógicas, outros modos de habitar o currículo. Contudo, a autora reflete que:

É certo que um currículo é também território povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações (de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários), de divisões (de tempo, espaço, áreas, conteúdos, disciplinas, aprendizagens, tipos, espécies...). Isso tudo porque o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo. Mas, se mesmo com os investimentos para controlar a diferença no currículo, tudo aí ainda vaza, por que não pensar o currículo por meio de suas bifurcações? Por que não experimentar no currículo o jogo da diferença? Por que não pensar o currículo por meio dos seus vazamentos, escapes, suas linhas de fugas, distorções e variações? Por que não priorizar a diferença em vez da identidade e seguir as ramificações que surgirem desse pensamento? (Paraíso, 2010, p. 588).

---

<sup>5</sup> Nas palavras de Paraíso (2010) em vez da identidade, que tenta reduzir a diversidade a um elemento comum, Deleuze prefere a diferença em si, a variação, a multiplicação, a disseminação e a proliferação. A diferença é pensada não como uma característica relativamente geral a serviço da generalidade do conceito, mas sim como puro acontecimento.

A proposta é olhar para o currículo por um outro viés, percebendo o que vaza e escapa. Estabelece o currículo como diferença, sendo:

um território de multiplicidades de todos os tipos, de disseminação de saberes diversos, de encontros “variados”, de composições “caóticas”, de disseminações “perigosas”, de contágios “incontroláveis”, de acontecimentos “insuspeitados”. (Paraíso, 2010, 588).

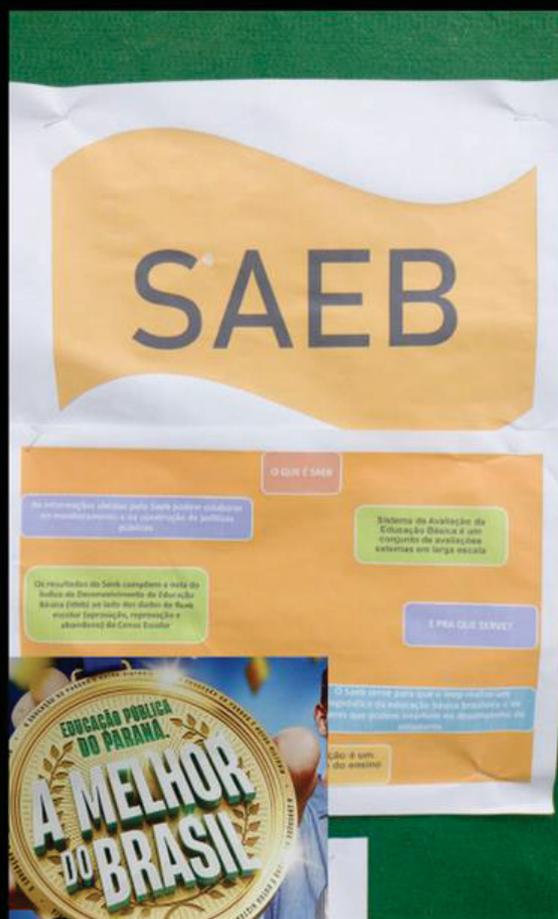
Por um lado, existem forças que moldam os corpos a partir de ideais hegemônicos. Padrões universais. Por outro lado, os encontros promovem o descontrolo. Os corpos criam, improvisam outros modos de pensar, sentir e agir na escola. Paraíso (2010) nos conta que o currículo possui poderes e territórios, mas também pontos de desterritorialização (o que foge e faz fugir).

Este professor de sociologia se concentra em movimentos de desterritorialização, fugindo do controle curricular, encontrando rachaduras nele, como no relato acima em que apresento como o movimento do mestrado despertou-me para pensar sobre a minha prática docente e, de certo modo, encorajou-me a criar junto com os estudantes em um momento no qual a área de humanas vem sofrendo um processo de redução na grade curricular, resultado do tensionamento das políticas neoliberais sobre o campo da educação.

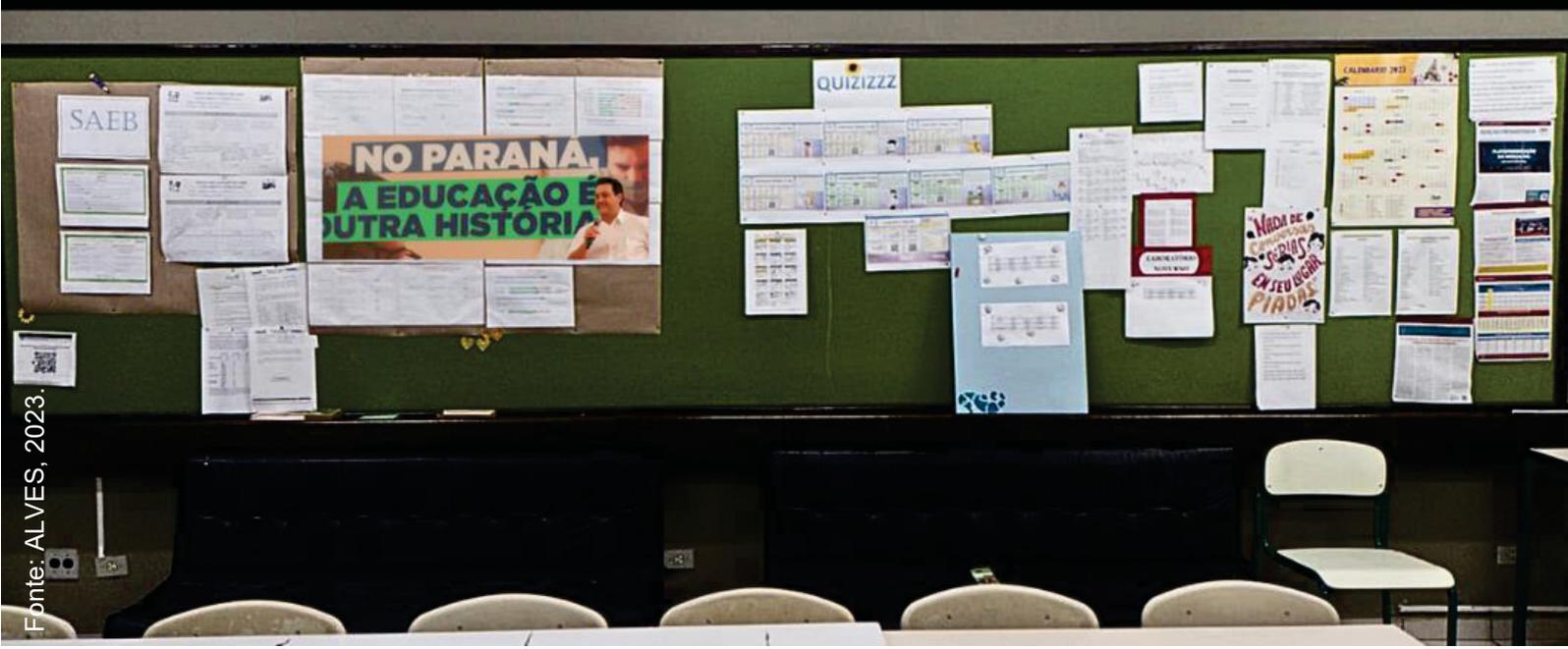
Ademais, com a leitura dos escritos de Silva, o corpo fica em alerta diante dos aspectos do currículo na escola. E com Paraíso, se vê uma abertura para pensar outras possibilidades de educação, de ensino, de se estar na escola, escapando do currículo institucionalizado, buscando o que foge e faz fugir, experimentando com os estudantes outros modos de ocupar, de estar nesses espaços.

Corrida insana, incessante. O calendário escolar virou SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) - livros didáticos específicos para o SAEB, plataformas com descritores do SAEB, LRCO+ com aulas voltadas para o SAEB, as formações, denominadas de Estudo e Planejamento, são em grande parte, sobre o SAEB, a prova paraná é SAEB, simulados do SAEB, nos corredores da escola, na sala dos(as) professores(as), nas salas de aula dos 9º ano e 3º ano cartazes sobre SAEB.

Escolas que atingirem a meta estipulada pelo estado do Paraná no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) em 2023 - todos os funcionários ganham uma bonificação de três mil reais. Conhecimento tem outro nome e significado.



Fiéis ao espírito de toda aristocracia em decadência, as aves de rapina enjauladas ou encurraladas observam, a todo o momento, o protocolo. No registro dos poleiros noturnos, como em qualquer organismo oficial ou extraoficial, cada qual ocupa seu posto por rigorosa hierarquia. No alto, as águias tortas e de asas quebradas. Um pouco abaixo, os falcões de bicos sem corte e garras embotadas. Em seguida, os gaviões tristes e desplumados. E abaixo de tudo os abutres imundos rodeados de moscas. O mesmo que em qualquer grêmio ou corporação, seja de indole local, nacional, estatal ou internacional. Incluídas, naturalmente, as que têm a ver com isso que agora se chama "conhecimento". (Larrosa, 2014, p. 80).



## Se vira! Dizia o secretário.

**BRASIL DE FATO** Paraná  
Professores do PR fazem ato contra redução de aulas de Filosofia, Sociologia e Artes

**GAZETA DO POVO**  
Para Seed, redução de aulas de Humanas não vai impactar no senso crítico dos alunos

**SE VIRA!**

**Nota pública da ANPOF contra a substituição de aulas de Filosofia, Sociologia e Artes por Educação Financeira no Paraná**

**Carta aberta ao Governo do Estado do Paraná**

**INSTRUÇÃO NORMATIVA CONJUNTA Nº 011/2020 - DEDUC/DPE/SEED**

Componente Curricular (Código SAE)	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE
ARTE (704)	1	1	1
BIOLOGIA (1001)	2	2	2
EDUCAÇÃO FÍSICA (801)	2	2	2
FILOSOFIA (2001)	1	1	1
FÍSICA (901)	2	2	2
GEOGRAFIA (401)	2	2	2
HISTÓRIA (301)	2	2	2
LÍNGUA PORTUGUESA (100)	4	4	4
MATEMÁTICA (201)	3	3	3
QUÍMICA (801)	2	2	2
SOCIOLOGIA (201)	1	1	1

Como não sentir, não se revoltar. Estudar uma ciência, se dedicar a ela. Uma instrução normativa nº 011/2021 da Secretaria de Educação do Paraná (SEED) reorganiza a matriz curricular do ensino médio. Um programa de governo, um secretário empresário organiza as políticas educacionais do estado do Paraná, dando continuidade a uma lógica neoliberal.

No Estado do Paraná a sociologia passou por mudanças profundas. Até o ano de 2020, ela possuía duas aulas por série no ensino médio. Com uma nova proposta no currículo do Estado, aumentando as aulas de matemática, português e inserindo

Fonte: ALVES, 2023.

educação financeira no ensino médio, as disciplinas de arte, filosofia e sociologia passaram a ter somente uma aula por série em 2021.

Willian Oliveira da Silva (2023) realiza uma análise dos documentos nacionais e estaduais sobre a trajetória da disciplina de sociologia, entre retrocessos e avanços. Escreve que no estado do Paraná:

Em 2019 com o início do mandato do atual governador Ratinho Junior, as políticas neoliberais são aprofundadas, no campo educacional de modo muito expressivo, visto que o secretário estadual de educação ao longo do primeiro mandato foi o empresário Renato Feder, responsável pela implementação do novo ensino médio no estado. (Silva, 2023, np.).

Em continuidade, o autor informa que em 2021:

por meio de instrução normativa nº 11/2020 a secretaria de Estado da Educação incluiu a disciplina de Educação financeira na matriz curricular

paranaense e ao mesmo tempo reduziu a carga horária das disciplinas de Arte, Filosofia e Sociologia para apenas uma aula semanal. (Silva, 2023, np.).

Isso ocorre antes do início da implementação do Novo Ensino Médio (NEM), demonstrando as intenções do governo e secretário do estado do Paraná em empreender uma política neoliberal, reduzindo a área de humanas e ciências sociais aplicadas e implementando Educação financeira como componente curricular.. Portanto, para esse professor de sociologia trabalhar 40 horas aula por semana será necessário lecionar para 30 turmas.

Dobrou-se a quantidade de turmas.

Com isso, temos o aumento da precarização do trabalho dos(as) professores(as) de sociologia. Dos que abriram contrato, muitos ficaram em mais de três escolas e outros, desempregados devido à redução de aulas.

Temos também o aumento no volume de trabalho (se pensarmos 40 estudantes por turma ao atender 30 turmas, teremos 1.200 estudantes).

Com essa redução de carga horária da disciplina se leva mais tempo para formar vínculo com a turma e com os estudantes. Além disso, foi feita uma compactação dos conteúdos de sociologia, retirando alguns e reduzindo outros. No trimestre, a média de aulas ficou entre 12 e 14 aulas.

Um estudo realizado sobre a redução da carga horária de artes, filosofia e sociologia, publicado em 2022 no periódico *Linhas Críticas*, escrito por Fábio Antonio Gabriel, Ana Lúcia Pereira e Ana Cássia Gabriel, a partir de uma pesquisa empírica aplicada para 31 professores do estado do Paraná, de natureza qualitativa, evidenciou que a aprendizagem ficou superficial, fragmentada, reduzindo momentos de reflexão crítica e, certamente, causando impacto nas próximas gerações. Mais ainda, tem-se uma perda do sentido (essência) da disciplina, “tendo em vista que apenas com uma aula semanal no Ensino Médio a aprendizagem dessas disciplinas fica totalmente comprometida” (Gabriel *et al.*, 2022, p. 14).

Com a entrada do NEM na matriz curricular do estado do Paraná, em 2022, temos outra mudança curricular. A sociologia passa a ser ministrada somente na 2

série do ensino médio com duas aulas – enquanto Formação Geral Básica<sup>6</sup> (FGB) - ficando com seu Itinerário Formativo<sup>7</sup> (parte flexível) na 3º série, desde que seja fornecida na escola a área de ciências humanas e sociais aplicadas. Dessa forma, o NEM não conta com a sociologia na 1º série. E, como a implementação é gradativa começando pela 1º série, em 2022, tivemos mais um momento de redução de aulas de sociologia, sendo, agora, somente nas 2º e 3º séries (apenas 2 aulas de sociologia no ensino médio).

O meu corpo sente, exaustão.

O meu corpo se revolta, desvalorização.

O meu corpo escapa, reação.

Em fuga – estou no mestrado, reduzi a minha carga horária de trabalho, estou nas greves. Na escola, em sala de aula, entro em cena – vibrante, potente, em resistência. Por linhas de fuga vou seguindo. Em trajetórias dos dias na escola vou descobrindo outras formas de fazer, de criar, de possibilitar o pensamento sociológico. Se com o NEM a 1º série não tem sociologia, com a 2º série fazemos exposição em pontos estratégicos da escola, fazemos pesquisa de campo entrevistando os estudantes da 1º série - colocamos e nos colocamos para pensar, vamos por contágio ocupando os espaços. A sociologia e este professor resistem em cartazes, exposições e pesquisas.

Se a sociologia se encontra em desuso por conta do projeto neoliberal, o meu corpo reage em invenção.

## EDUCAÇÃO MAIOR E EDUCAÇÃO MENOR

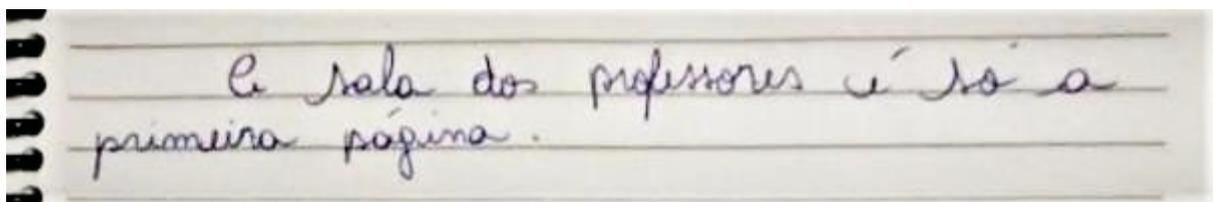
O devir é [...] da ordem da aliança. Devir é um rizoma [...]. Devir é um verbo.

Gilles Deleuze, Félix Guattari

---

<sup>6</sup> Formação Geral Básica – parte comum do currículo destinado para todos os estudantes, visto como conhecimentos essenciais. Estabelecido na Base Nacional Comum Curricular.

<sup>7</sup> Itinerário Formativo - parte diversificada do currículo, visa o aprofundamento dos conhecimentos de determinada área do conhecimento. Para saber mais acesse: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>.



Fonte: ALVES, 2023.

Movido pelo interesse em pensar os processos formativos que atravessam este professor de sociologia, ocorridos na escola e em outros espaços, perambulo em movimentos cartográficos capturando singularidades e contextos que movem, deslocam, tramam, formam e transformam este professor, implicando em sua prática docente.

Pensar a educação como abertura de possibilidades. Em desvios, vou escapando de padrões, ideais e me encontrando naquilo que difere, varia e possibilita inventar outros mundos. Educações em criação, em processos singulares, singularizantes.

Silvio Gallo (2017), no livro *Deleuze e a Educação*, desloca o conceito de literatura menor pensado por Deleuze e Guattari ao estudarem a obra de Franz Kafka. A literatura menor, nas palavras de Gallo, seria “subverter a língua, fazer com que ela seja o veículo de desagregação dela própria” (Gallo, 2017, p. 62).

No livro: *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari estabelecem que a “literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior” (Deleuze; Guattari, 2014, p. 25). Isto, em movimentos de desterritorialização. Em linhas de fuga que geram outras ligações e rupturas.

Voltando a Gallo, ele desloca literatura menor, “esse conceito, [para] operar com a noção de uma educação menor como dispositivo para pensarmos a educação” (Gallo, 2017, p. 62). O autor ao criar esse movimento, concebe a educação menor como uma máquina de resistência diante de uma educação maior.

Em suas palavras, educação maior e menor são entendidas como:

A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. [...] Uma educação menor é um

ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência as políticas impostas; (Gallo, 2017, p. 64).

Em continuidade, o autor aponta a educação menor como ato de singularização, como desterritorialização, como ação política e valor coletivo.

Uma linha de fuga da educação maior que “procura construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de subjetivação, de produção de indivíduo em série” (Gallo, 2017, p. 65). Não somente os estudantes, mas todos aqueles que conseguem alcançar, inclusive a mim. Em contrapartida a educação menor “está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um. [...] é um ato de singularização” (Gallo, 2017, p. 65) presente nos detalhes, nas intensidades, nas frestas, nos entremeios que somente um corpo sensível consegue perceber.

Kátia Maria Kasper (2016) ao tratar da formação docente como um devir plural e criativo, em processos singulares, escreve sobre a (des)construção de uma pesquisadora e professora de modo que somente com um corpo disponível e à espreita, encontra possibilidades para escapar das pedagogias dominantes. Dessa maneira, este professor de sociologia se coloca também atento e aberto, buscando:

fugir aos automatismos que combatem a criação, a variação. Desfamiliarizar-se.

Buscar outras possibilidades. Aprendendo a habitar o desconforto, a acolher o não saber. Colocar-se disponível para o acaso, o que não se espera, não se quer, não se precisa, não se busca de antemão. (Kasper, 2016, p. 301).

Com Gizele Cristiana Carneiro, em um encontro de orientação do grupo *SemNomeAinda*, diante de uma de minhas falas, ela sabiamente me disse: **\_ A sala dos(as) professores(as) é só a primeira página.** Ocorreu-me que precisava desautomatizar, encontrar outros mecanismos para pensar e viver a escola. Apenas, direcionar críticas à educação maior, me impedia de pensar singularidades e produção de outras subjetividades - as micropolíticas. Essa frase, uma frase, uma linha de fuga. Uma possibilidade para pensar de outra forma. Ressonâncias desse encontro que me formam. Agora, pensar a escola, estar na escola em variações do meu corpo que se desloca em educações menores.

Aos dias que seguiram, ainda afetado, fazendo a leitura do texto *Rizoma*, (Deleuze; Guattari, 2011), rodando pela cidade, escrevo no diário de bordo em 2022.

Se estimo pensar sobre a dificuldade  
 de deslocamento do corpo formatado, socialmente  
 (~~padronizado~~) padronizado. Raízes profundas fixadas  
 em terra envenenada, acima da terra paisagens  
 de corpos no deserto em meio a cidade, uma  
 multidão de corpos vilipendiados, sinos envenena-  
 dos, podados, com vida, mas também sem ela. In-  
 frutíferas, potência silenciada com apotóxicos, polui-  
 ção, galerias plúvias com água podre. Erros-corpos  
 presos no concreto ou com um pneu em seu  
 tronco. Que ainda esboçam vida, resistem. Fluxos  
 de vida no subsolo, micropolíticos, raízes que se  
 encontram, se comunicam, criam passagem, se ex-  
 pandem, chegam na superfície.

Buscar escapar do modo de existência capitalista, cotidianamente, criar no subsolo ou na superfície outros modos de viver a vida, seja na escola ou em outros espaços, de tal forma, transbordar. Agindo por contágio insistindo em uma educação menor. Combater a educação maior, a qual, como evidencia Gallo, é “pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (Gallo, 2017, p. 64). Tem intenção e forma um modelo de corpo, de subjetividade capitalista, em uma pedagogia dominante.

A disposição cartográfica de uma sala de aula, seja qual for, é sempre uma disposição estratégica para que o professor possa dominar os alunos, pois nesta concepção de escola e aprendizado só pode acontecer sob domínio. (Gallo, 2000, p. 24).

Abaixo seguem escritos de algumas observações realizadas em 2022 que apresentam as lógicas de uma educação maior e de uma educação menor:

### **Controle - fuga – fuga – controle – fuga – controle - fuga**

A constituição, regime de visualidade, de uma sala de aula envolve carteiras enfileiradas, mesa da professora/professor e quadro de giz. Por todas as salas de aulas que passei, enquanto estudante ou docente, sempre presenciei esse modelo de organização do espaço. E, quando em algum esforço de um(a) docente em repensar o espaço e dispor as carteiras de outra forma, ao final da aula, a sala volta ao modelo inicial. **Instituído.**

Um modo de controle dos corpos, que se complementa com outro, utilizado constantemente nas escolas, chamado de ensalamento. Essa estratégia de docilização<sup>8</sup> se concentra em separar os estudantes que possuem afinidade distribuindo-os pela sala de aula. Há escolas que iniciam o ano letivo com tal prática e outras escolas preferem usar como estratégia de controle diante do que chamam de indisciplina.

É a máquina de controle.

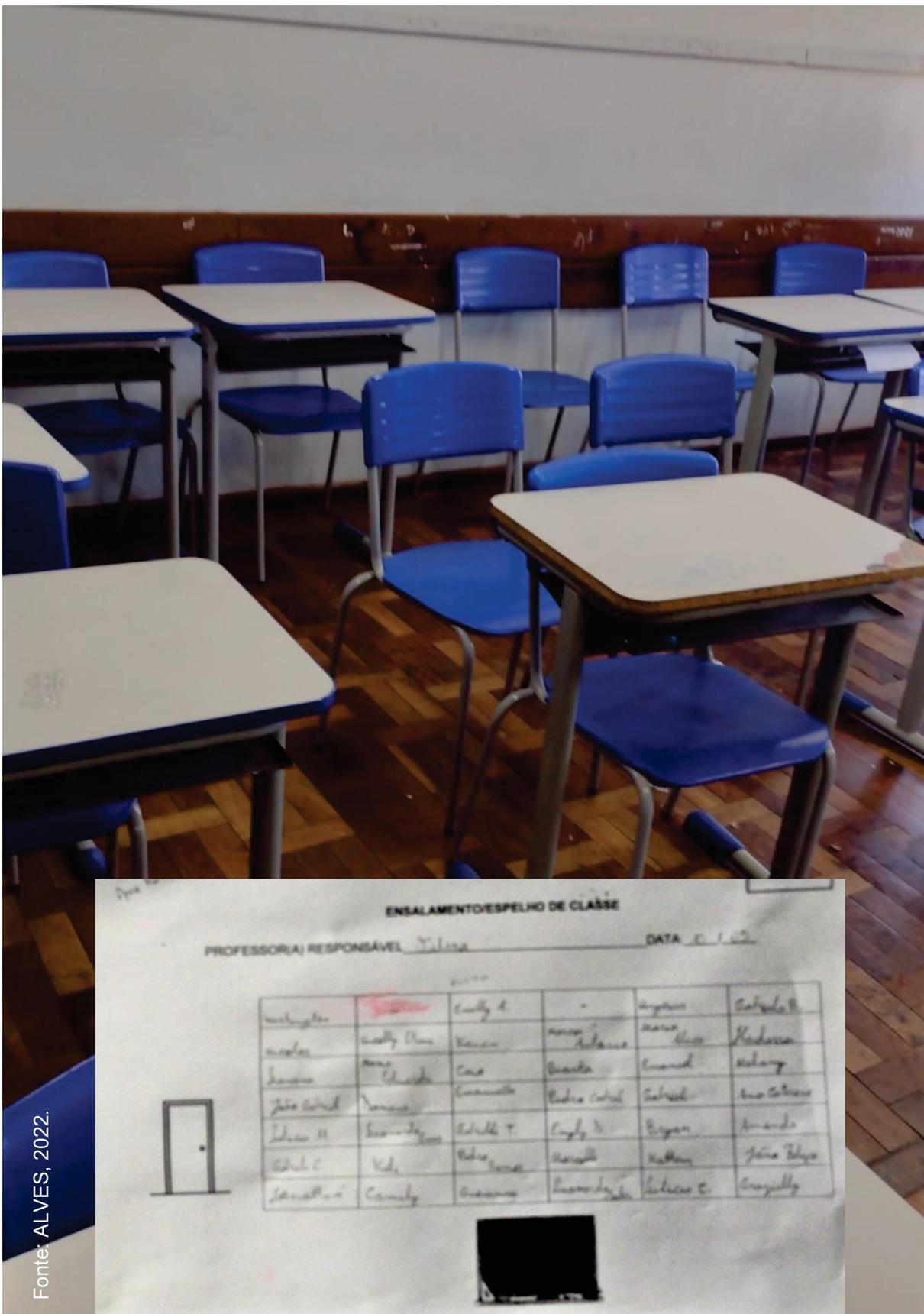
Fui acometido por um evento que ocorre em uma turma de 1º série, no ano de 2022. Entre as aulas alguns estudantes mudam de uma carteira para outra. Decidi registrar, escrevendo, com adaptações, algumas das falas dos estudantes e seus movimentos de fuga:

O solo que piso é um desvio que pego. Um contrafluxo em aversão ao fluxo institucional regimentar – ENSALAMENTO – privação do desejo do corpo, demonização da conversa, do afeto, do sorriso, das risadas. Sala de aula é.... serve para... – CARTEIRAS ENFILEIRADAS – no mural de avisos da sala, um mapeamento da ordem instituída - cada carteira possui o nome de um estudante – ESTRATÉGIA DISCIPLINAR – para não falar, para não sorrir, para não conversar. O solo que piso em silêncio, entre as aulas, de uma carteira para outra, em fuga, são ressonâncias de outros que também fogem. Não se sabe por quem começou, mas o desejo move. Uma vez ou outra, em certas aulas, sento no lugar determinado; não há conversa, cumpre-se a ordem. Bater de frente para quê – discussão, setor pedagógico, pais, anotação.

---

<sup>8</sup> A palavra docilização utilizada no texto parte de leituras realizadas do filósofo Michel Foucault, mais particularmente do livro: *Vigiar e Punir*. O corpo “entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças” (Foucault, 1987, p. 164-165).

Se o corpo grita, não posso ficar quieto. A vida é louca, marcha sobre marcha. Desvios, atalhos em criação. Escola é sobre(vivência).



No processo cartográfico exposto acima, fica evidente que “a tentativa de controle pode fugir a qualquer controle” (Gallo, 2017, p. 66). Os corpos inquietos fogem das modelizações. Amarildo Inácio dos Santos, ao tratar do sistema de controle e linhas de fuga, escreve que existem:

espaços nos quais se pode operar no contrafluxo da linha de produção da maquinaria escolar. Sempre há possibilidades de jogar areia nas engrenagens atuando no *intermezzo* entre as territorialidades. Os fluxos que escapam das linhas territorializadas permitem multiplicar sentidos. (Santos, 2023, p. 93).

A fuga do ensalamento elabora e produz movimentos de singularidade, deslocamentos que Gallo (2017) apresenta como uma educação menor a qual cria táticas de resistência, uma forma de se opor à educação maior, desterritorializando-a, atuando nas brechas, fazendo surgir possibilidades que escapam dos modos de controle dominante. Essas fugas do ensalamento são um pequeno exemplo de ações micropolíticas no sentido de uma educação menor. Sendo uma educação rizomática.

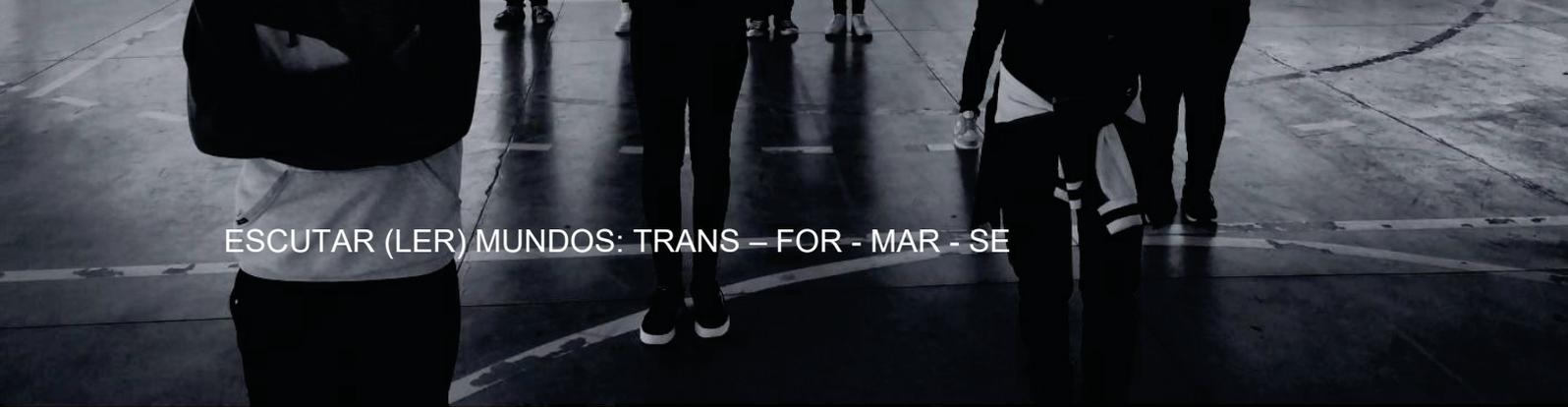
A educação menor é rizomática, segmentada, fragmentária, não está preocupada com a instauração de nenhuma falsa totalidade. Não interessa à educação menor criar modelos, propor caminhos, impor soluções. Não se trata de buscar a complexidade de uma suposta unidade perdida. Não se trata de buscar a integração dos saberes. Importa fazer rizoma. [...] Fazer rizomas com os alunos, viabilizar rizomas entre alunos, fazer rizomas com projetos de outros professores. [...] A educação menor é um exercício de multiplicidades. (Gallo, 2017, p. 68).

Na educação menor que se abre possibilidades para a pesquisa. Percorrendo essas linhas e os seus fluxos que cartografo. Em devires que maquinam modos de existências os quais vazam da pedagogia dominante. Que abrem brechas para viver e pensar a escola, conforme Gallo (2017), fazendo rizoma.

Desaprendendo. Em trajetórias na escola e em outros espaços, este professor de sociologia encontra outras possibilidades de ensino na educação. Um fio para seguir, para abandonar, outros para encontrar.



Escolher cartografar aquilo que vaza da pedagogia dominante como uma maneira de encontrar nas brechas, nos desvios, as forças, intensidades que me transformam, possibilitando, modos de existências singulares. Percebendo que o currículo não está finalizado e que a sala dos professores [foi] só a primeira página.



ESCUTAR (LER) MUNDOS: TRANS – FOR - MAR - SE

Lançar-se, explorar os sentidos...

## Do local ao global, do singular ao plural

Outras práticas nas aulas de sociologia em 2023. O professor cria, inventa, quer despertar sensações, quer jogar com os estudantes. Quer pensar junto com eles.

Hoje, na quadra da escola, o jogo foi diferente. Levei as segundas séries para a quadra poliesportiva e começamos uma dinâmica em grupo com o objetivo de iniciar uma conversa sobre o tema desigualdades sociais.

Ao fazer perguntas, os estudantes deveriam dar um passo para frente ou ficar na mesma posição. Todos partiram do mesmo lugar. Mas, ao final da dinâmica, estavam todos em lugares (posições) diferentes na quadra.

As perguntas variavam em situações que envolviam: acesso ao trabalho, cursos de aperfeiçoamento, poder aquisitivo, estrutura familiar, preconceitos, violências, entre outras.

Ao terminar a dinâmica solicitei que olhassem a sua volta e o quanto conseguiram se deslocar.

Lancei uma pergunta:

“Qual tema podemos dar para aula de hoje? Do que podemos falar? Como você está se sentindo no lugar (posição) que ocupa agora?”

Diversas ponderações, reflexões. Passamos por cultura, discriminação, revolta, preconceitos, política, políticos, história, meritocracia, poder. Notamos em nós, em nossos dias, como somos atravessados por aquilo que parece tão distante. Alguns estudantes relataram que se sentiram incomodados e deslocados quando seus colegas seguiam dando passos para frente. Outros disseram que andaram mesmo quando não se encaixavam na pergunta.

Uma estudante, no corredor, quando estávamos voltando para a sala de aula, me disse: “é difícil olhar para realidade em que vivemos, né professor?!” Eu respondo: “certamente que sim. Mas o que podemos fazer a partir disso?” Ela sorri e diz: “Eu não sei, estou pensando”.

Segunda aula com a turma, trago alguns indicadores sociais, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Trabalho conceitos e dados sobre desigualdade de gênero e raça no Brasil. Antes do final da aula, solicito que se sentem em grupos e conversem sobre como esses dados estão presente na dinâmica

que fizemos, na vida deles, e, o que podemos notar de mudança durante a história. Pensando as forças que provocam isso.

Viajar sem mapas prévios! Fazer outros traçados!  
Marlucy Alves Paraíso

Fui me aventurando sem mapas prévios, com algumas coordenadas, arriscando-me. Procurando possibilidades em outras direções, fugindo do trivial ao se tratar de formação docente, práticas de ensino-aprendizagem ou quaisquer que sejam as cartilhas da pedagogia dominante.

Como na descrição da aula acima, lancei mão de Quizzes, aulas e atividades previstas no Livro de Registro de Classe Online (LRCO+), parti para conversa, compondo junto, usando a ciência e a experiência. Em uma proposta de pensar a vida, a nossa existência.

## EDUCAÇÃO COMO ATENÇÃO, INQUIETAÇÃO, EXPERIÊNCIA

Com Larrosa (2007; 2014), Kasper (2016) e Ingold (2020) pretendo neste texto, pensar a educação como atenção, inquietação e experiência. Sendo outras lógicas que escapam de uma educação maior e rumam para afirmação da vida. Esse professor vem fazendo outros traçados, criando instabilidade, comungando com os estudantes.

Jorge Larrosa (2007) pensa a leitura como uma questão de formação, uma experiência singular. Pois permite a construção de significados para si e para se conectar com o mundo. Afirma tratar-se “de pensar a leitura como algo que nos forma [...] aquilo que nos faz ser o que somos” (Larrosa, 2007, p.130), produzindo a imaginação que “assim como, a linguagem, produz realidade, a incrementa e a transforma” (Larrosa, 2007, p.131).

Tomando a leitura enquanto experiência que passa pelo meu corpo, geradora de aprendizagens que não se esgotam naquilo que se lê - enquanto mero ato de absorver informações, ou que fica em um processo de transmissão, como argumenta Ingold (2020), mas se prolifera na imaginação, alterando a realidade, mudando a minha relação com o mundo e com a forma como me coloco enquanto professor. Tomando a educação com uma “prática de atenção, não de transmissão” (Ingold, 2020, p. 17).

Dessa forma, “tudo que nos passa pode ser considerado um texto, algo que compromete nossa capacidade de escuta, algo a que temos de prestar atenção” (Larrosa, 2007, p. 133). Pois como Larrosa nos diz, existem muitos conhecimentos disponíveis, sabemos de muitas coisas, mas de nada vale se não estiver conectado com a experiência, “posto que não se resolve na formação ou na trans-formação daquilo que somos” (Larrosa, 2007, p. 132). Informação-transmissão, aquilo que não passa pela experiência, não nos move.

Com Ingold (2020) percebe-se a educação como processo da vida social, uma prática de atenção para as coisas e para o mundo. Estabelecendo que antes de pensar a educação na escola, devemos pensá-la como uma relação intrínseca à vida. “Onde e quando a vida estiver acontecendo, assim também está a educação. Esta última está acontecendo, mais estreitamente, nas esferas da vida humana, mais particularmente, na escola” (Ingold, 2020, p. 18).

Para que se torne uma experiência, precisamos escutar (ler) visto que os acontecimentos têm coisas a nos dizer. Sendo que sem essa capacidade de escutar (ler) não passamos pela formação e trans-formação.

Uma pessoa que não é capaz de se pôr à escuta cancelou seu potencial de formação, [...] [pois] na escuta alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. Está disposto a transformar-se numa direção desconhecida (Larrosa, 2007, p. 133-134).

Larrosa (2007) afirma que os *experts*, especialistas, promotores da pedagogia dominante se veem satisfeitos com suas lógicas, metodologias e resultados. Nas palavras de Larrosa:

o enorme rinoceronte se detém. Levanta a cabeça. Recua um pouco. Vira para um lado e investe como um aríete, com um só chifre de touro blindado, enraivecido e cego, em arranque total de investigador positivista. Nunca acerta o alvo, mas sempre fica muito satisfeito com sua razão, com sua metodologia, com seus resultados e com sua força. (Larrosa, 2014, p. 78).

Escapando, aventurando-se no desconhecido, fugindo de modelos normativos e prescritivos. “Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão e sem projeto” (Larrosa, 2007, p. 135), em trajetórias de uma vida minoritária, que busca romper com a automatização no corpo deste professor de sociologia, escutando (lendo) o mundo, criando possibilidades nos acontecimentos, acolhendo o desconhecido. “Nada como desencaminhar-se, perder-se... E, aos poucos, poder

abandonar a (suposta) necessidade de controle do percurso e sua predeterminação... Pensando a formação docente como um devir criativo.” (Kasper, 2016, p. 296).

Edson Marques (2006) no poema *Mude*, me fez pensar como durante os dias posso inventar modos de estar no mundo quebrando com a rotina. Desabitua-se. Criando movimentos que ativem o meu corpo para sentir outras sensações. Destaco aqui um fragmento do poema:

*[...]Sente-se em outra cadeira,  
no outro lado da mesa.  
Mais tarde, mude de mesa. Quando sair,  
procure andar pelo outro lado da rua.  
Depois, mude de caminho,  
ande por outras ruas,  
calmamente,  
observando com atenção  
os lugares por onde  
você passa. [...]*  
(Marques, 2006, np.)

Viver outras sensações. Despadronizando. Permitindo-se nas aberturas no ato de ser professor. Em afirmação, Ingold (2020) escreve que tudo que é vida “tem a tarefa de trazer outras vidas e sustentá-las por quanto tempo for necessário para que elas, por sua vez, gerem mais vida” (Ingold, 2020, p. 17). Alterando ambos, estudantes e este professor, criando instabilidade. Gerando mais vida.

\*\*\*

*Um estudante faz a aposta, “que tal um café, professor?”  
Eu entro no jogo, “café com sociologia?”  
Na outra semana, partilhamos um café e conhecimentos em uma roda de  
conversa na sala de aula.*

\*\*\*

Rompendo com a automatização vou seguindo com outras lógicas. Nas palavras de Kasper (2016):

aprendendo. No encontro com o outro. [...] Atmosferas experimentadas ao colocar-se disponível. Atenção ao que pode acontecer; sem buscar controlar o que acontece. Atmosferas pulsando em situações diversas, seja em uma sala de aula, em uma ação de pesquisa, nas ruas [...] (Kasper, 2016, p. 297).

Com isso, a formação e trans-formação docente e discente ocorrem nos encontros com o outro, em diferentes lugares que extrapolam a sala de aula.

O ensinar está intrinsicamente ligado com o deixar aprender. Cabendo a este professor a função de “manter viva a biblioteca como espaço de formação [...] manter aberto um espaço em que cada um possa encontrar a sua própria inquietude” (Larrosa, 2007, p. 147), possibilitando que nesses acontecimentos ocorra a experiência. Dessa maneira, Larrosa (2007) ao tratar sobre o papel do professor diante do ensino, escreve que:

deixar aprender, não é um nada fazer, senão que é um fazer muito mais difícil e muito mais exigente do que ensinar o que já se sabe. É um fazer que requer humildade e silêncio. Mas que também exige audácia e falar alto, porque para deixar aprender tem-se de eliminar muitos obstáculos. Entre eles, a arrogância daqueles que sabem. (Larrosa, 2007, p. 148)

Este professor, com seu corpo atento, possui o papel de criar atmosferas favoráveis para inquietude, dele e dos estudantes. Se coloca em uma condição de imprevisibilidade, de indeterminação, rompe com os aparatos pedagógicos tecnicistas. Estando “à espreita. Uma atitude de atenção, escuta, abertura, disponibilidade. [Aprendendo] a não predeterminar, mas viver o instante-já” (Kasper, 2016, p. 301). Sabendo do grande desafio que é fugir da homogeneização e estabilização do sentido presente na tradição da pedagogia dominante.

Os aparatos pedagógicos estiveram, quase sempre, comprometidos com o controle do sentido, ou seja, com a construção e a vigilância dos limites entre o dizível e o indizível, entre a razão e o delírio, entre a realidade e a aparência, entre a verdade e o erro. (Larrosa, 2007, 155)

Larrosa (2016) estima que “o papel do professor é fazer com que a pluralidade seja possível. E isso é dar sentido de contingência, de relatividade e, enfim, de liberdade” (Larrosa, 2007, p. 155). Um processo de formação e transformação deste professor que em afirmação da vida, procura escapar “dos territórios costumeiros” (Kasper, 2016, p. 302), desterritorializando a educação, o ensino, o saber.

Desterritorializo-me.

Vivendo os acontecimentos, escutando, acolhendo para pensar de outros modos, vivendo em formação e trans-formação. Conforme Kasper (2016, p. 302), “um pouco à deriva” evitando cair nos discursos de uma ordem dominante que está presente no campo da educação. *Experts*, como nos diz Larrosa (2014), estes que entonam discursos, cujas caras não tremem, criadores e seguidores de protocolos, que são “especialistas”. A essas caras, jeitos e discursos, precisamos dizer não:

Nosso não às formas que configuram "a ordem do discurso pedagógico" é também um não a todas essas caras acartonadas, a todas essas vozes impostadas. Porque não queremos fazer caras como essas, não queremos que saiam de nós essas vozes. Então, com que cara vamos seguir adiante? Qual é a cara viva, estremeçada, com a qual possamos afirmar a vida? Com que cara encarar o que nos acontece? Qual é a voz viva, trêmula, balbuciante que corresponde a essa cara, qual é a língua que lhe convêm? (Larrosa, 2014, p. 76).

Provocações de Larrosa, com que cara vamos seguir, que cara é essa que possa afirmar a vida, ser vida.

E para esta pesquisa, afirmamos tentativas de escapar, ainda que parcialmente, da pedagogia dominante para avançarmos na lógica de uma educação inspirada no sentido, na atenção, na inquietude e na experiência.

Sem fórmulas, receitas, cartilhas, pedagogias da salvação. Ingold, pensando com Jacques Rancière um outro lugar para o professor que não seja o de “explicador”, afirma que seguir “Rancière ao derrubar o mito da pedagogia é reconhecer que o que fazemos, como seres atentos e receptivos, não é para explicar nem ter coisas explicadas para nós, mas fazemos poesia juntos” (Ingold, 2020, p. 79).

Estar atento e receptivo, inspirações para essa pesquisa de um professor de sociologia que vem criando aberturas (espaços) que sejam possíveis para fazer poesia junto com os(as) estudantes, comungando com eles(as) em desterritorialização, em fuga, em movimentos minoritários, vivendo, acolhendo os encontros, atento aos detalhes.

Fazendo pesquisa, buscando conhecimentos científicos, pensando com escritores minoritários e compondo com eles no agora, nos encontros.

Presença.

*Se você não encontrar razões para ser livre, invente-as.*

*Seja criativo.*

*E aproveite para fazer uma viagem despreziosa,  
longa, se possível sem destino.*

*Experimente coisas novas.*

*Troque novamente.*

*Mude, de novo.*

*Experimente outra vez.*

*Você certamente conhecerá coisas melhores  
e coisas piores do que as já conhecidas,  
mas não é isso o que importa.*

*O mais importante é a mudança,  
movimento,  
o dinamismo,  
a energia.*

(Marques, 2006, np)

Trajetórias deste professor com os estudantes na Ilha do Mel, no lar de idosos, nos museus, nas feiras de cursos nas universidades, no cinema, no circo, no parque da ciência, no parque aquático, nas ocupações, nas greves, em projetos alternativos na escola.

Viver outros momentos com os estudantes, possibilidades de aprendermos de outras formas. Saímos do ensalamento, do padrão estudante sentado professor em pé.

Meu corpo está atento, combatendo o que já sou, vivendo em fuga, sendo contagiado pelos encontros. Criando outros.

*“Um bom lugar  
se constrói com humildade  
é bom lembrar”  
(Sabotage)*



**ILHA DO MEL - UMA SAÍDA**

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Arnaldo. **Psia**. 6. ed. São Paulo. Iluminuras. 2004.

**APP-SINDICATO** (Direção Estadual). **SE VIRA**: o projeto neoliberal autoritário de barbárie do governo Ratinho Jr. e Renato Feder. Disponível em: <<https://appsindicato.org.br/se-vire-o-projeto-neoliberal-autoritario-de-barbarie-do-governo-ratinho-jr-e-renato-feder/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. 3. ed. São Paulo. Record: Ed., 1996.

BARROS, M. P. **Processos de resistência e criação de estudantes secundaristas na escola e outras tramas**. 2021. 00f. Dissertação (Mestrado em educação: Teoria e Prática de Ensino), Setor da Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2021. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73403>>. Acesso em: 15 de set. 2022.

CACHATORI, T. L.; KASPER, K. M. Cartografia da invenção: desaprender no caminhar. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 15, n. 36, p. 71-78, set./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/7858/5686>>. Acesso em: 13 out. 2023.

COLETIVO HUMANIDADES. Não à redução de arte, filosofia e sociologia. Facebook. Disponível em: <[https://www.facebook.com/coletivohumanidades/about\\_contact\\_and\\_basic\\_info?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/coletivohumanidades/about_contact_and_basic_info?locale=pt_BR)>. Acesso em: 21 jul. 2023.

COSTA, M. A. D. G. da; ALMEIDA, F.Q. de. Plano de imanência e linguagem: a distância daquilo que “podemos” no campo das práticas corporais de movimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. UFES. Espírito Santo. Out. 2021. Disponível em: <DOI: <<https://doi.org/10.1590/rbce.43.e010320>>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

DELEUZE, G. O abecedário de Gilles Deleuze. Transcrição do vídeo, s/a. Brasil, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedario-de.html>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2 ed. 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2 ed. 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2 ed. 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Trad.: Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1. ed. 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5. Trad.: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2 ed. 2012.

DELIGNY, F. **Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores**. Trad.: Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 27. ed. Trad.: de Raquel Ramallete. São Paulo: Petrópolis, Vozes, 1987.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. 3. ed. Belo Horizonte. Autêntica: Ed., 2017.

GALLO, S. **Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar**. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Orgs). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. Trad.: Suely Belinha Rolnik. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEMPKEMEYER, S. Traços e traças e palavras e cartas de .... **Revista Alegrar**, v. 30, p. 84-94, ago./dez. 2022. Disponível em: < <https://alegrar.com.br/alegrar30-9/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

INGOLD. T. **Antropologia e/como educação**. Trad.: Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2020.

KASPER, K. M. Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. Tese de doutorado. UNICAMP. Campinas – SP. 2004. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/725>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

KASPER, K. M. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? ProPosições, Campinas, v. 20, n. 3, p. 199-213, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300013>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

KASPER, K. M. **Perambulações entre travessias e devires em cartografias de-formativas**. In: VICENTINI, Paula Perin; CUNHA, Jorge Luiz da; CARDOSO, Lilian Auxiliadora Maciel. (Org.). **Experiências formativas e práticas de iniciação à docência**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 2, p. 295-314.

KASPER, K. M.; TOFFOLI, G. S.; SEJANES, T. A.; BARROS, M. P. Desaprendizagens na ressonância dos encontros. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 39, p. 121-139, 2021. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/896/641>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

KASPER, K. M.; TOFFOLI, G. S. Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 36, p. 85-98, 2018. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

KIFFER, Ana. Estou como que sobre cartas e extravios. **Remate de Males**, Campinas-SP, v. 37, n. 2, p. 547-557, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/download/8648593/17191>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

LARROSA, J. **Literatura, experiência e formação**. In. COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Lamparina Editora. 3º ed. Rio de Janeiro, 2007.

LARROSA, J. **Nietzsche & a educação**. Trad.: Semiramis Gorini da Veiga. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 29, Jan/fev/mar/abr. Trad.: João Wanderley Geraldi, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Trad.: João Wanderley Geraldi, Cristina Antunes. 1º. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad.: Alfredo Veiga-Neto. 6.ed. rev. amp.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MARQUES, E. **Mude**. 2006. Não paginado. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1771070>>. Acesso em: 18 maio 2023.

MARTINS, M. Deputados e instituições exigem explicação de Ratinho Jr e Renato Feder sobre redução das disciplinas de humanas nos colégios. **Mareli Martins – Jornalismo Político**. 26 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://marelimartins.com.br/2021/01/26/deputados-e-instituicoes-exigem-explicacao-de-ratinho-jr-e-renato-feder-sobre-reducao-das-disciplinas-de-humanas-nos-colegios/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MELLO, M. B. C. de. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Nº 25: nov/2015 – abr. 2016, p. 192-209. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/resafe.v0i25.4798>>. Acesso em: 06 nov. 2023.

MÍDIA NINJA. **Mais duas escolas ocupadas em São José dos Pinhais**. Twitter. 05 out. de 2016. Disponível em: <<https://twitter.com/midianinja/status/783683946391474176>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MUNIS, C. Ocupação. **Escola de Ativismo**. São Paulo, jan. de 2019. Disponível em: <<https://escoladeativismo.org.br/ocupacao/>>. Acesso em: 10 jul. de 2023.

NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**. Parte I. Trad.: Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Ed. Escala. 2010.

NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**. Parte II. Trad.: Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Ed. Escala. 2010.

OLIVEIRA, E. D. de. A redução da carga horária de sociologia: entre o discurso oficial e o projeto de educação e sociedade do estado do Paraná. *In*: Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR. **Anais...Curitiba (PR) UFPR, 2022**. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/12snsep/484696-a-reducao-da-carga-horaria-de-sociologia--entre-o-discurso-oficial-e-o-projeto-de-educacao-e-sociedade-do-estado-/>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

PARAÍSO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: v. 40, n. 140, p. 587-604, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/MnrBfYmbrZ4zfVqD3C5qkYp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PARANÁ (Estado). **Instrução normativa conjunta nº 011/2020 - DEDUC/DPGE/SEED**. Dispõe sobre Matriz Curricular do Ensino Médio na rede pública estadual de ensino do Paraná. Paraná, 16 dez. 2020. Disponível em: <[https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-01/instruconormativa\\_112020\\_curriculoem.pdf](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-01/instruconormativa_112020_curriculoem.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** - Porto Alegre: Sulina, 2015.

PRATES, G.; RUGGI, L. O.; SILVA, M. R. da; MACHADO, V. F. **Ocupar e resistir: memórias de ocupação Paraná 2016**. Curitiba: UFPR, Setor de Educação, 2017. 192 p.

RIBEIRO, R. A.; PULINO, L. H. C. Z. As ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas: contextualização e caracterização. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 19, n. 45, p. 286-300, ago. 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2019000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jan. 2023.

RIGUE, F. M. (org.). **Rizomas em educação**. 1. ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre, Sulina: Ed. UFRGS, 2016.

SAMPAIO, C. Reforma do ensino médio acende polêmica no Congresso. **Brasil de Fato**. Brasília, 27 de set. de 2016. Seção Geral. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/09/27/reforma-do-ensino-medio-acende-polemica-no-congresso/>>. Acesso em: 10 jul. de 2023.

SANTOS, A. I. dos. **O currículo como máquina abstrata de rostidades**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023.

SANTOS, J.; KASPER, K. M. Andanças: pesquisa e formação como processualidade subjetivante. **Educação** (Rio Claro. Online), v. 26, p. 595-611, 2016. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11643/8066>>. Acesso em: 07 abr. 2023.

SILVA, C. V.; KASPER, K. M. Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade. **Educação e Filosofia** (Online), v. 28, p. 711-728, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22815/15318>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, W. O. da. O ensino de sociologia no estado do Paraná: um estudo comparativo entre os documentos nacionais e estaduais. In. VIII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. **Anais...**Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/9255>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

STUBS, R. **Devires de um corpo-experiência**. 1. ed. Curitiba: Apriss, 2019.

TIBLE, J., PERRONE, M. K. “Secundas”: desobediência e organização. **Cadernos: Teoria e Debate**, São Paulo: Ed. 155, 14 de dez. de 2016. Disponível em: <<https://teoriaedebate.org.br/2016/12/14/%ef%bb%bfsecundas-desobediencia-e-organizacao/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. **UBES**, 2016. Paraná reúne mais de 600 escolas em grande assembleia para pautar futuro das ocupações. Out. de 2016. Disponível em: <<https://ubes.org.br/2016/parana-reune-mais-de-600-escolas-em-grande-assembleia-para-pautar-futuro-das-ocupacoes/>>. Acesso em: 05 jan. de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Gov.br**, 2021. Carta aberta ao Governo do Estado do Paraná. Disponível em: <<https://profsocio.ufc.br/pt/carta-aberta-ao-governo-do-estado-do-parana/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.